Tradução para o português brasileiro do artigo publicado em inglês. Não é uma edição aprovada pela revista.

Mudança de paradigma na astronomia: contestando o Big Bang por meio de fenômenos interuniversais que elucidam os complexos mecanismos que regem a dinâmica solar

Yarel A*

Departamento de Astronomia e Física Espacial, Alien-Science Association of Astronomy Org.il, Israel

Artigo de pesquisa · Volume 2, número 2
Recebido: 09 de setembro de 2024 · Publicado: 19 de setembro de 2024
DOI: 10.23880/oaja-16000130
Autor correspondente: Alon Yarel, Alien-Science Association of Astronomy Org.il, Department of Astronomy & Space Physics, Aliyat Hanoar 9, Kiryat Shmona, P.O. 6289, Zipcode: 1152609, Israel
info@alienastronomy.com · alonyarel@alienastronomy.com
www.alienastronomy.com/home

Resumo

Contexto: A teoria do Big Bang tem sido um pilar da astronomia e da astrofísica modernas, oferecendo um modelo abrangente para a origem e a expansão do universo. Fundamentado na Teoria da Relatividade Geral de Einstein, o Big Bang postula um universo que se expande a partir de uma singularidade, com evidências de apoio provenientes das proporções observadas de elementos primordiais, como hélio, hidrogênio e lítio, coerentes com as previsões da termodinâmica e da física de partículas.

Objetivos: Nossa pesquisa oferece uma perspectiva alternativa sobre a criação do universo, propondo uma fonte diferente que contesta o modelo predominante do Big Bang. Essa investigação, inicialmente voltada às origens do universo, levou a descobertas inesperadas sobre fenômenos do sistema solar.

Métodos: Por meio de um estudo extenso do Sol, descobrimos que ele está sujeito a interações físicas intricadas e a influências interuniversais, revelando uma influência mútua entre universos.

Resultados: Nossos resultados, neste primeiro estudo do gênero, não apenas propõem uma nova compreensão da origem do universo, mas também elucidam os complexos mecanismos que regem a dinâmica solar.

Conclusões: Essa dupla realização abre novos caminhos para explorar a cosmologia e a física estelar, apresentando uma mudança de paradigma em nossa compreensão do cosmos.

Palavras-chave: Cosmologia; Dinâmica solar; Fenômenos interuniversais; Big Bang

 Copyright © Yarel A

Abreviaturas

JWST: Telescópio Espacial James Webb; GRACE: Experimento de Recuperação Gravitacional e Clima; NIRCam: Câmera de Infravermelho Próximo; PMS: Estrelas da Pré-Sequência Principal.

Introdução

Introdução à mudança de paradigma na cosmologia

A teoria do Big Bang tem sido o modelo cosmológico dominante para compreender a origem do universo, sustentada por evidências empíricas substanciais, incluindo a radiação cósmica de fundo em micro-ondas, a lei de Hubble da expansão cósmica e a abundância de elementos leves. Estudos fundamentais baseados na Teoria da Relatividade Geral de Einstein consolidaram ainda mais a posição do modelo na cosmologia moderna [1]. Pesquisas de físicos como Friedmann e Lemaître ampliaram essas ideias, propondo um universo que se expande a partir de uma singularidade.

Entretanto, descobertas recentes, incluindo a tensão de Hubble, mistérios não resolvidos relacionados à matéria escura e à energia escura e a natureza das singularidades, levaram alguns a questionar a completude do Big Bang. Modelos cosmológicos recentes, como os propostos por Penrose R [2] com sua teoria do universo cíclico, buscaram explicações alternativas para a criação do universo, mas nenhum apresentou um mecanismo inteiramente novo tão ousado quanto o sugerido neste estudo: a máquina interuniversal.

Descrição geral

Apresentamos uma descoberta inovadora: um novo sistema, um mecanismo autônomo extraordinariamente complexo, até então desconhecido, que denominamos “máquina interuniversal”. Esse aparato enigmático não apenas ativa todo o nosso sistema solar, mas também revela conhecimentos profundos sobre a gênese e os mecanismos do universo. A busca pela descoberta dessa máquina interuniversal exigiu a formulação de numerosas hipóteses fundamentais, porém ainda não verificadas, ampliando os limites da cognição humana e da investigação científica. Foi somente por meio desse processo rigoroso que conseguimos finalmente identificar e fundamentar a existência desse fenômeno. Dada a natureza sem precedentes desta pesquisa, ela não dispõe de fontes anteriores que a fundamentem, marcando um capítulo inteiramente novo nos anais da astrofísica. Nossa metodologia exigiu um reexame minucioso dos princípios fundamentais da astronomia e da astrofísica, resultando na utilização de observações primárias, evidências fotográficas e raciocínio dedutivo para inferir a presença e os vestígios dessa máquina extraordinária. Nosso objetivo final era rastrear as origens do universo, uma busca que nos levou à descoberta da máquina interuniversal. Este estudo abre caminho para uma mudança profunda em nossa compreensão da evolução cósmica e dos mecanismos subjacentes que a regem. **Descoberta e evidências:** Neste estudo inovador, apresentamos evidências definitivas da existência de um sistema extraordinariamente complexo, que denominamos “máquina interuniversal”. Essa descoberta é fundamentada pela análise de dados da inclinação da Terra e de variações sazonais da gravidade, medidas meticulosamente pela missão GRACE (Experimento de Recuperação Gravitacional e Clima) da NASA [3]. Nossa pesquisa marca uma mudança significativa de paradigma, revelando um mecanismo autônomo que não apenas influencia nosso sistema solar, mas também oferece conhecimentos sem precedentes sobre a criação e o funcionamento do universo. O percurso para descobrir essa máquina interuniversal exigiu o desenvolvimento de novas hipóteses, desafiando os limites do conhecimento humano e da exploração científica. Por meio de análises rigorosas e metodologias inovadoras, validamos com sucesso a existência desse sistema enigmático. **Descrição da máquina interuniversal:** Este estudo revela uma representação detalhada da máquina interuniversal, mostrando todos os seus componentes que alimentam o sistema solar inteiro. Afirmamos que esse sistema sofisticado não apenas ativa o Sol, mas também impulsiona a rotação axial dos planetas, influencia suas inclinações e rege suas órbitas ao redor do Sol. Nossa hipótese destaca a complexidade desse mecanismo autônomo, que orquestra com precisão a atividade solar e a dinâmica planetária. A máquina interuniversal desempenha um papel central na manutenção do equilíbrio e da ordem de nosso sistema solar, impulsionando processos que anteriormente não eram bem compreendidos. Por meio de análises e visualizações meticulosas, forneceremos evidências robustas da existência e do funcionamento desse sistema. Dessas premissas fundamentais emerge uma máquina interuniversal concebida para criar e gerar energia solar.

Copyright © Yarel A

Hipóteses e premissas

A busca pela descoberta dessa máquina interuniversal exigiu a formulação de numerosas hipóteses fundamentais, porém ainda não verificadas, ampliando os limites da cognição humana e da investigação científica. No processo de construção da cadeia de acontecimentos, essas duas premissas fundamentais foram validadas, enquanto dezenas de outras hipóteses foram consideradas incorretas. **Premissas fundamentais:** Nossa pesquisa baseia-se em duas premissas fundamentais: uma estrela em colapso, cuja massa é absorvida por um buraco negro, sai e chega a outro universo. Esse processo envolve uma distorção temporal significativa entre os dois universos. No universo em que a estrela colapsa, o acontecimento transcorre em dois dias, enquanto no universo ao qual chega a massa da estrela passam-se milhões de anos. Devido à enorme distorção temporal entre universos, a massa que entra no buraco negro emerge como poeira estelar. **Avaliações adicionais baseadas em observações recentes:** A análise de imagens de simulação do buraco negro v404 Cygni indica que a massa de uma estrela em colapso entra no buraco negro em movimento de rotação. Com base nessa premissa e na suposição de que a massa se transforma em poeira estelar ao entrar em outro universo, pode-se inferir que a poeira estelar sai do buraco negro em um padrão rotacional nesse universo. O buraco negro v404 Cygni apresenta duas emissões de gás em direções opostas, semelhantes ao fenômeno da “chuva incandescente em arcos no Sol”, sugerindo a saída de poeira estelar do buraco negro em duas direções opostas. Ampliando as observações recentes, nossas avaliações adicionais sugerem que a poeira estelar emerge do buraco negro em um padrão helicoidal, formando duas bobinas que se estendem em direções opostas.

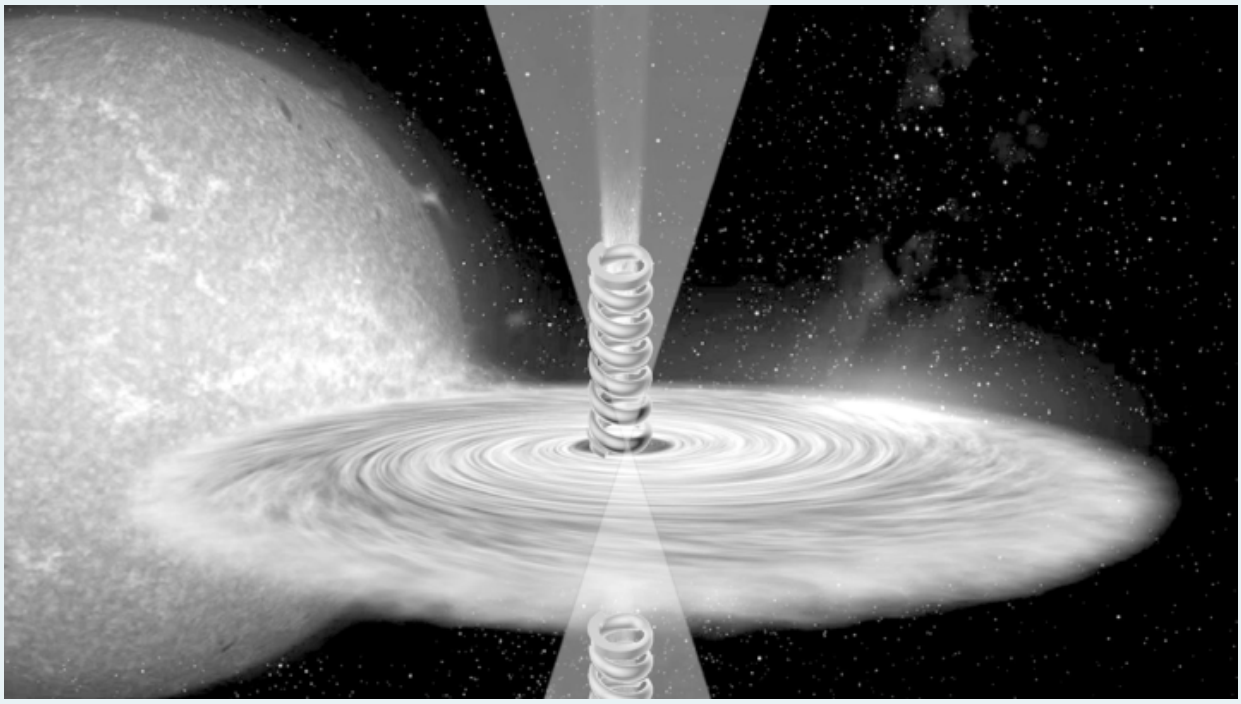


Figura 1: Ilustração: poeira estelar sai em espiral de um buraco negro em duas direções opostas.

A ilustração científica original foi preservada; sua legenda está traduzida abaixo.

Como afirmado inicialmente, nossa pesquisa foi construída sobre numerosas premissas. Apresentamos agora nossa premissa final: não apenas a poeira estelar emerge do buraco negro em duas direções opostas, mas também formulamos a hipótese de que a força gravitacional da estrela em colapso em outro universo sai do buraco negro em duas direções opostas.

Copyright © Yarel A

Indução eletromagnética

A indução eletromagnética foi descoberta pela primeira vez ainda em 1830 por Faraday M [4]. Faraday observou que, ao mover um ímã permanente para dentro e para fora de uma bobina ou de uma única espira de fio, induzia-se uma força eletromotriz, ou fem, em outras palavras, uma tensão, produzindo-se, portanto, uma corrente. Admitindo a validade de nossas premissas anteriores, decorre que, teoricamente, uma corrente elétrica deveria fluir nas bobinas de poeira estelar. A imagem de simulação pretende ilustrar esse cenário físico, demonstrando as condições sob as quais uma corrente fluiria pelas bobinas (Figura 1). **Sequência de acontecimentos que detalha o funcionamento da máquina interuniversal:** A poeira estelar emerge do buraco negro em duas direções opostas ao longo de milhões de anos. Essa poeira estelar acumula-se em uma grande massa, tendo a saída do buraco negro em seu centro. Inicialmente, forma-se uma ampulheta incandescente enquanto uma nova estrela toma forma [5]. Com o tempo, à medida que a massa de poeira estelar se solidifica, as condições físicas evoluem e se modificam de acordo. As duas bobinas de poeira estelar que saem do buraco negro ficam dentro de uma enorme massa acumulada e formam bobinas sólidas com condutividade elétrica. A enorme massa que se acumula permanece imóvel. A corrente flui pelas bobinas, inflamando e queimando qualquer combinação de materiais combustíveis. Ao acaso, quando um núcleo metálico se acumula no centro de uma das bobinas, o quadro físico muda. Cria-se um eletroímã com propriedades magnéticas enquanto a bobina continua a aquecer. Toda a massa metálica se reúne em uma única massa; o eletroímã atrai massa misturada com metal e provoca a rotação da massa do Sol recém-formado. No movimento de rotação do Sol em torno de seu eixo, uma bobina se dispõe ao longo da rotação solar e a segunda bobina é interrompida enquanto o Sol gira em torno do eixo e passa pelo centro da primeira bobina, formando um núcleo metálico permanente para o eletroímã resultante. No outro universo, o buraco negro torna-se dinâmico, girando em relação ao Sol do outro lado do universo a uma velocidade enorme devido à distorção temporal entre universos. A estrela em colapso colapsará mais rapidamente e desaparecerá em 48 horas, mas, no outro universo em que o Sol funciona, ele funcionará durante milhões de anos.

Fase fundamental da máquina avançada

A fase fundamental de nossa máquina avançada está agora concluída. Apresentamos com sucesso o mecanismo interuniversal responsável por gerar o Sol. Essa máquina desempenha um papel crucial no funcionamento do sistema solar. Com base na descrição do mecanismo responsável pela formação do Sol e pela geração de energia solar, é importante observar que inicialmente foi detalhado apenas o processo de formação desse motor estelar. Entretanto, esse motor influencia a criação de um sistema abrangente, o sistema solar, que engloba todos os planetas. Embora essas descrições sirvam atualmente como ilustração, demonstraremos adiante que as estimativas selecionadas, escolhidas entre numerosas tentativas fracassadas, são de fato corretas. A comprovação de sua validade será apresentada nas seções seguintes.

Efeitos do motor solar sobre o Sol e o sistema solar

A seção seguinte continua a descrever os efeitos do motor solar sobre o Sol e os planetas do sistema solar: nesta apresentação, vários aspectos enigmáticos do funcionamento do Sol são reexaminados sob uma nova perspectiva:

A existência do Sol A fonte da energia do Sol A força magnética do Sol A polaridade magnética do Sol A rotação do Sol em torno de seu eixo A força responsável por o equador solar girar mais rapidamente que seus polos O calor extremo da coroa solar A força que cria e preserva a inclinação dos planetas A força que impulsiona a rotação dos planetas em torno de seus eixos A força que impulsiona a rotação dos planetas ao redor do Sol A força que preserva a rotação dos planetas ao redor do Sol em uma órbita em disco A força que cria o movimento elíptico dos planetas

Conclusões: A apresentação da “máquina interuniversal” introduz um conceito transformador na astrofísica, alterando fundamentalmente nossa compreensão da dinâmica do sistema solar e da evolução cósmica. Por meio da validação rigorosa de hipóteses e da análise cuidadosa de evidências, esta pesquisa estabelece a existência de um mecanismo autônomo que rege não apenas a atividade do Sol, mas também as interações intricadas dentro de nosso sistema solar. A descoberta destaca a importância de reexaminar princípios astrofísicos estabelecidos e oferece uma estrutura para explo-

Copyright © Yarel A

rar fenômenos cósmicos anteriormente inexplicados. A exploração da máquina interuniversal neste estudo preenche lacunas em nosso conhecimento, oferecendo conhecimentos profundos sobre as origens do universo e as forças que o sustentam. A representação detalhada do funcionamento da máquina e de suas implicações para os mecanismos do sistema solar destaca o equilíbrio intricado mantido por esse mecanismo, reforçando seu papel central na estabilidade cósmica. Além disso, a validação bem-sucedida das premissas fundamentais demonstra a robustez da pesquisa, abrindo caminho para investigações futuras sobre o funcionamento mais profundo do universo. A fase fundamental da compreensão dessa máquina avançada está concluída, estabelecendo um novo paradigma no estudo da dinâmica solar e planetária. Os capítulos seguintes se apoiarão nessa base, fornecendo evidências adicionais e refinando a estrutura teórica para elucidar plenamente a influência da máquina interuniversal sobre o Sol e o sistema solar mais amplo.

Métodos

Cenário de formação do Sol

Dinâmica eletromagnética no interior do Sol: Os modelos tradicionais da dinâmica solar atribuem a energia do Sol a processos de fusão nuclear em seu núcleo, nos quais átomos de hidrogênio se fundem em hélio, liberando grandes quantidades de energia [6]. Entretanto, este estudo introduz uma teoria concorrente na qual um mecanismo eletromagnético no interior do Sol, alimentado pela máquina interuniversal, gera grande parte da energia solar.

Essa teoria contesta o modelo predominante da fusão ao propor que a poeira estelar, transportada por forças interuniversais, forma bobinas eletromagnéticas que iniciam processos solares. Evidências empíricas, como o calor aumentado da coroa solar e a inversão periódica dos polos magnéticos do Sol, sustentam esse novo modelo, sugerindo que forças eletromagnéticas, em vez da fusão isoladamente, são responsáveis por muitos dos comportamentos do Sol.

A existência do Sol

É incontestável no meio científico que as estrelas da pré-sequência principal (PMS) foram formadas de poeira estelar. A imagem que a NASA publicou em 11/16/2022, “O Webb da NASA captura uma ampulheta incandescente enquanto uma nova estrela se forma”, ilustra nossa apresentação. Ela mostra a formação do Sol e sua própria existência por meio da poeira estelar que sai de uma fonte invisível em duas direções opostas. Isso já havia sido previsto por nós em 2018. Assim, a apresentação exposta mostra como o Sol é produzido e sua própria existência a partir da massa de uma estrela em colapso em outro universo, que atravessa um buraco negro em duas direções opostas, ilustrando nossa afirmação. O Telescópio Espacial James Webb da NASA revelou características antes ocultas da protoestrela dentro da nuvem escura L1527, oferecendo uma visão do início de uma nova estrela. Essas nuvens incandescentes na região de formação estelar de Touro são visíveis apenas em luz infravermelha, tornando-a um alvo ideal para a Câmera de Infravermelho Próximo (NIRCam) do Webb. A própria protoestrela está escondida na região do “pescoço” dessa forma de ampulheta. Um disco protoplanetário visto de perfil aparece como uma linha escura no meio do pescoço. A luz da protoestrela escapa acima e abaixo desse disco, iluminando cavidades no gás e na poeira circundantes (Figura 2). A protoestrela dentro da nuvem escura L1527, mostrada nesta imagem da Câmera de Infravermelho Próximo (NIRCam) do Telescópio Espacial James Webb da NASA, está imersa em uma nuvem de material que alimenta seu crescimento. Ejeções da estrela abriram cavidades acima e abaixo dela, cujos limites brilham em laranja e azul nesta visão infravermelha. A região central superior apresenta formas semelhantes a bolhas devido a “arrotos” estelares, ou ejeções esporádicas. Créditos: NASA, ESA, CSA e STScI. Processamento da imagem: J. De-Pasquale, A. Pagan e A. Koekemoer (STScI).

Chuva incandescente em arcos no Sol: em 19 de julho de 2012, ocorreu uma erupção no Sol que produziu os três fenômenos. Uma erupção solar de intensidade moderada explodiu no limbo inferior direito do Sol, emitindo luz e radiação. Em seguida, ocorreu uma CME, que se projetou para a direita, rumo ao espaço. E então o Sol ofereceu aos observadores uma de suas deslumbrantes exibições magnéticas, um fenômeno conhecido como chuva coronal (Figura 3).

Segundo nossa interpretação, vemos poeira estelar saindo de um buraco negro em duas direções opostas (Figura 4).

Copyright © Yarel A

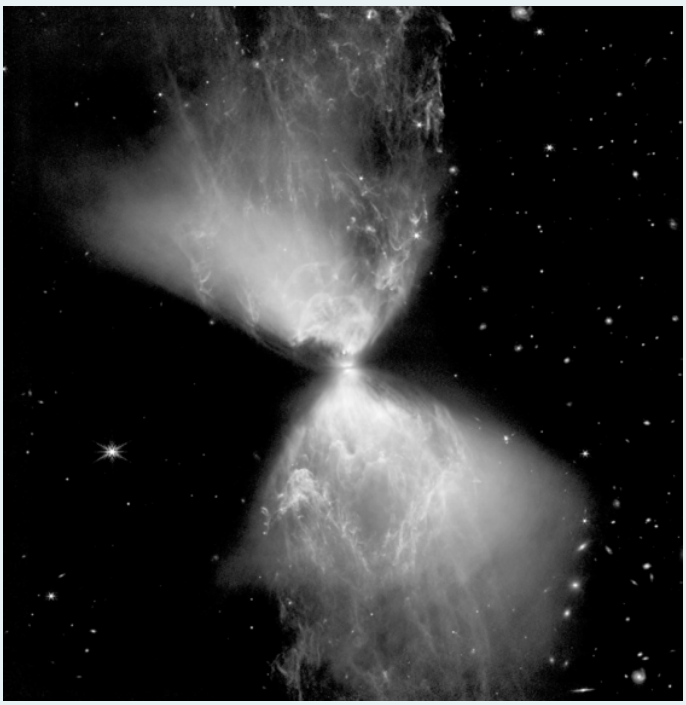


Figura 2: Imagem divulgada pela NASA em 11/16/2022: “O Webb da NASA captura uma ampulheta incandescente enquanto uma nova estrela se forma”.

A ilustração científica original foi preservada; sua legenda está traduzida abaixo.

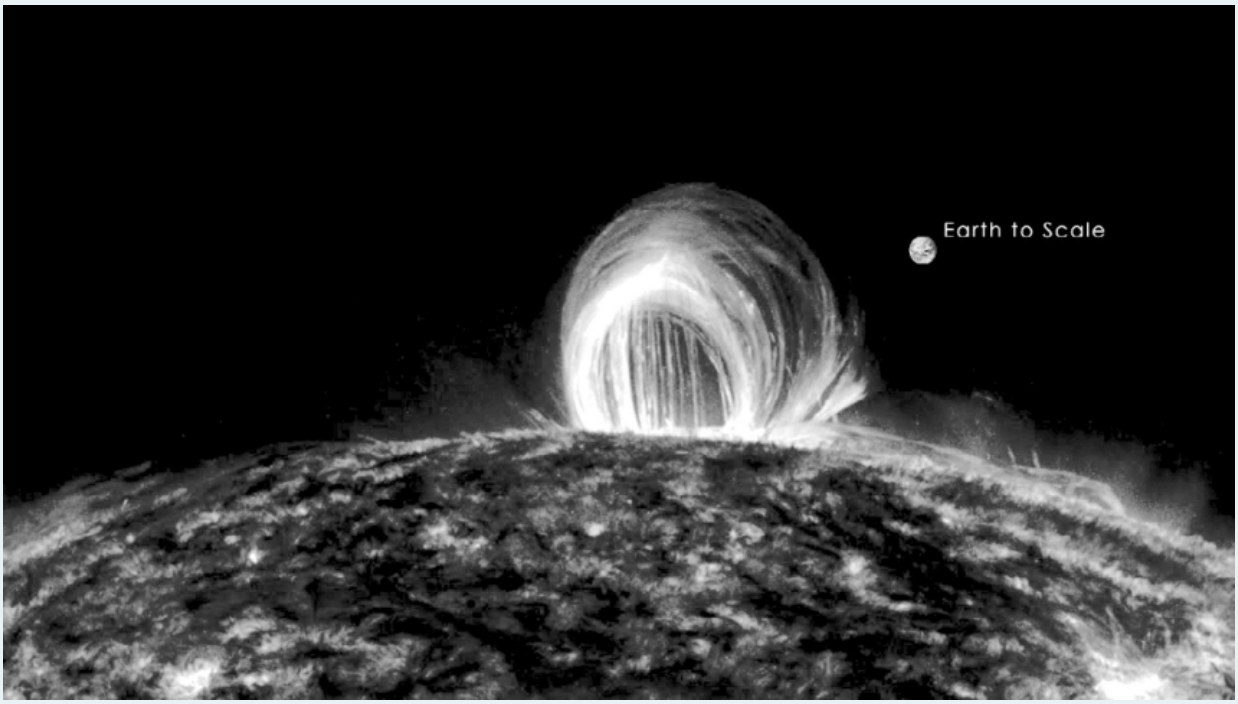


Figura 3: Imagens coletadas pelo instrumento AIA do Solar Dynamics Observatory, que se estima representarem a ejeção de material de um buraco negro em duas direções opostas.

A ilustração científica original foi preservada; sua legenda está traduzida abaixo.

Copyright © Yarel A

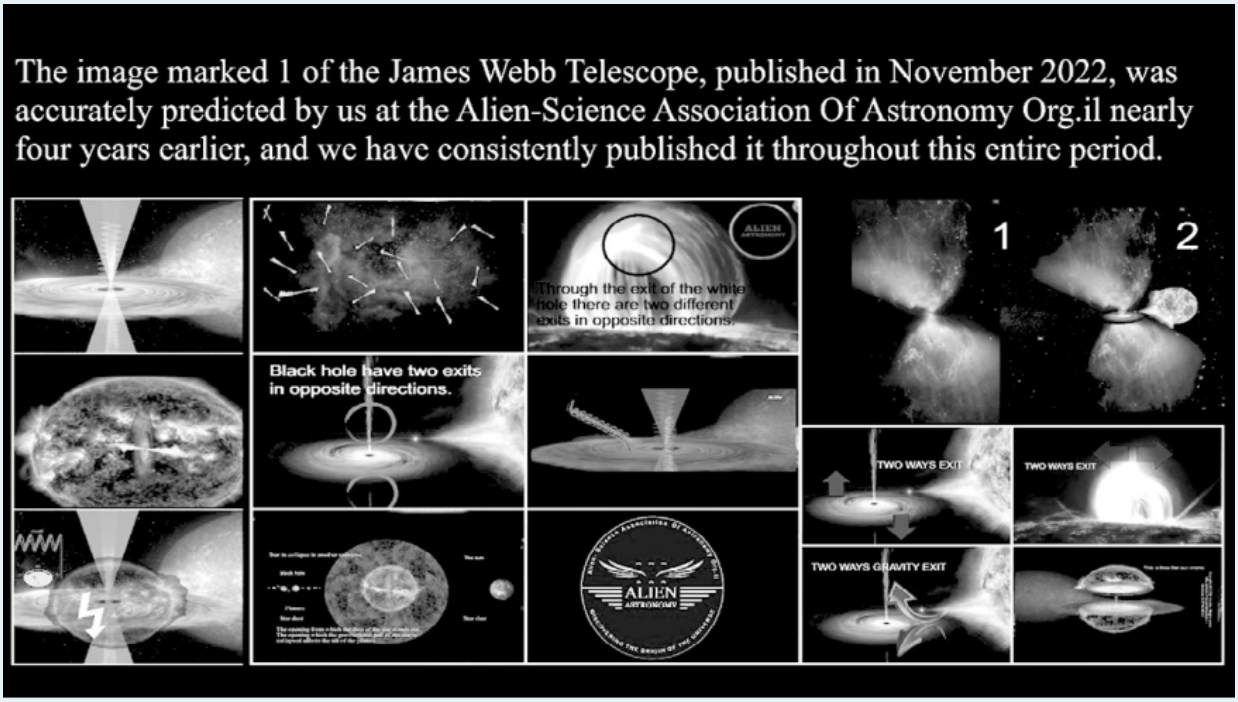


Figura 4: Ilustrações de imagens simuladas que representam o fluxo de poeira estelar para fora de um buraco negro, criadas antes das observações do Telescópio Espacial James Webb em 2022.

A ilustração científica original foi preservada; sua legenda está traduzida abaixo.

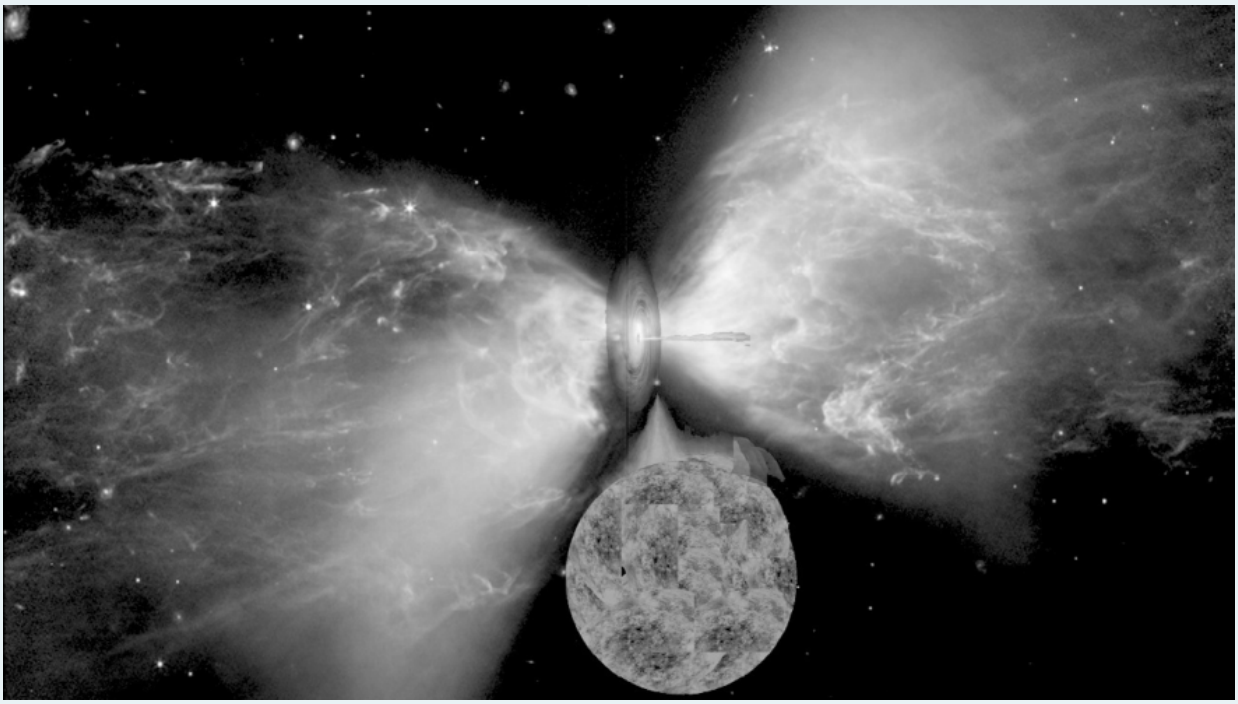


Figura 5: Ilustração: poeira estelar emergindo de um buraco negro em duas direções opostas.

A ilustração científica original foi preservada; sua legenda está traduzida abaixo.

Copyright © Yarel A

Seguindo as premissas básicas, afirmamos nesta ilustração (Figura 5): essas hipóteses foram inicialmente formuladas e publicadas pelo autor a partir de outubro de 2018 e regularmente desde então. Em 16 de novembro de 2022, a validação de nossas afirmações foi alcançada quando o Telescópio Espacial James Webb capturou uma imagem autêntica que sustenta nossos resultados. **Cenário de conclusão provisória:** A formação do Sol resulta da poeira estelar que sai de um buraco negro em duas direções opostas. **A fonte da energia do Sol:** Mecanismo natural para geração de tensão elétrica: ao examinar o colapso de uma estrela em outro universo, identificamos um mecanismo natural que funciona como gerador de tensão elétrica, criando energia elétrica no interior do Sol. O processo pode ser descrito como segue. **Apresentação da tese e análise fenomenológica da dinâmica do sistema solar:** Nesta seção, propomos uma tese que constitui uma conclusão tanto singular quanto necessária, derivada de todos os fenômenos observáveis no sistema solar. Essa conclusão é indispensável para a existência do Sol e do sistema solar nas formas em que são conhecidos. **Ejeção de poeira estelar de um buraco negro:** A massa da estrela em colapso entra em rotação no horizonte de eventos do buraco negro. É natural que a massa saia do buraco negro em espiral. Devido à enorme distorção temporal entre universos, a massa que sai do buraco negro apresenta-se na forma de poeira estelar. A poeira estelar é ejetada de maneira circular de um buraco negro em duas direções opostas. Essa saída forma uma estrutura espiral, composta de poeira estelar que contém muitos materiais, incluindo metais, os quais formam uma bobina com condutividade elétrica. **Formação de eletricidade nas bobinas:** A gravidade da estrela em colapso, que atravessa a abertura do buraco negro em duas direções opostas, incide sobre as bobinas rotativas de poeira estelar e gera eletricidade nelas. É assim que funciona um gerador de eletricidade: um ímã que passa sobre uma bobina provoca uma corrente elétrica na bobina (Figura 6).

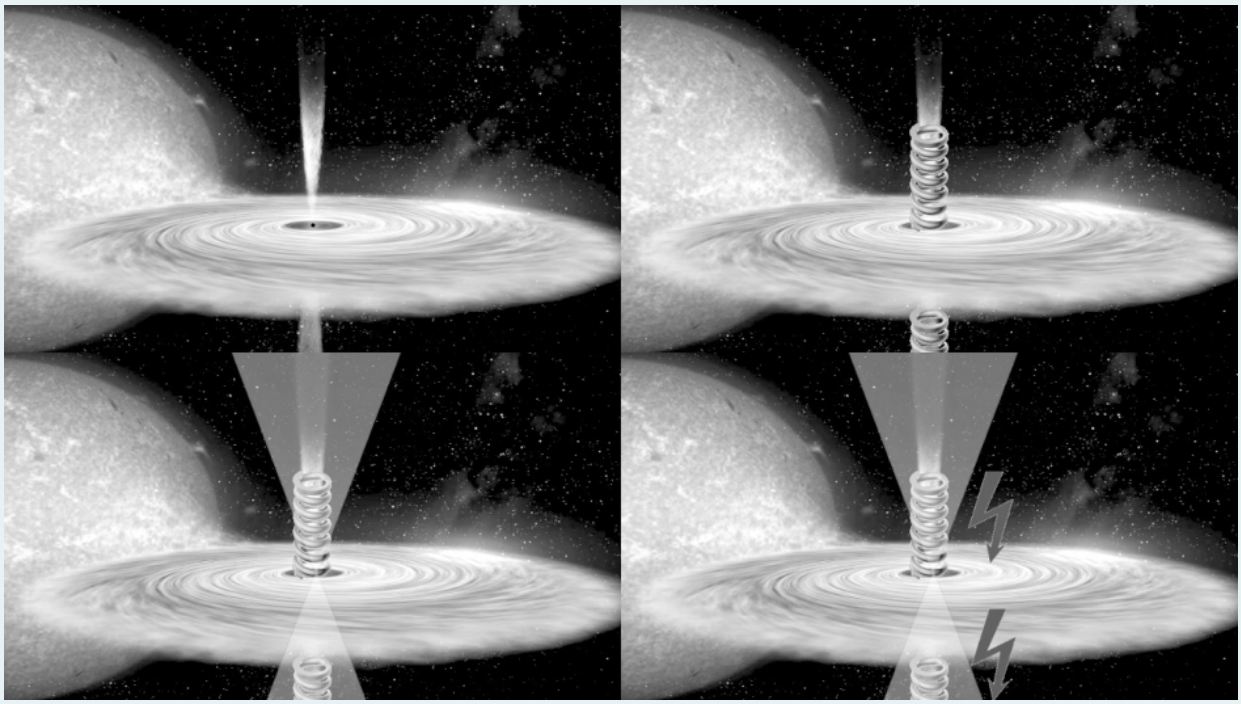


Figura 6: Imagens ilustrativas que representam o fenômeno conforme ocorre nos dois universos, combinadas em uma única imagem.

A ilustração científica original foi preservada; sua legenda está traduzida abaixo.

Geração de um eletroímã

A geração de um eletroímã no contexto de fenômenos astrofísicos é um processo complexo e fascinante. Aqui, exploramos um cenário em que a formação de um eletroímã ocorre ao acaso, levando à geração permanente de energia solar. **Acreção e aquecimento:** À medida que a poeira estelar se acumula, uma corrente começa a fluir por bobinas formadas pelos componentes metálicos da poeira. Essa corrente gera calor enquanto a continuidade metálica é mantida. **Início da combustão**

Copyright © Yarel A

e ignição de materiais combustíveis: O calor das bobinas inflama qualquer material dentro da poeira estelar cujos componentes sejam capazes de entrar em combustão.

Formação de propriedades eletromagnéticas e estrutura do eletroímã: Ao acaso, um aglomerado metálico se acumula no centro de uma das bobinas pelas quais flui uma corrente elétrica, iniciando uma série de processos. O aglomerado metálico acumulado, combinado com a corrente elétrica, forma a estrutura de um eletroímã, resultando no surgimento de propriedades eletromagnéticas. **Concentração de metais:** Os metais contidos na poeira estelar são atraídos para o polo positivo do eletroímã, situado na saída do buraco negro. Essa concentração aumenta à medida que o eletroímã se intensifica. **Atração de massa e rotação:** O eletroímã atrai a massa circundante, fazendo-a girar em torno do eixo do aglomerado pré-estelar em formação.

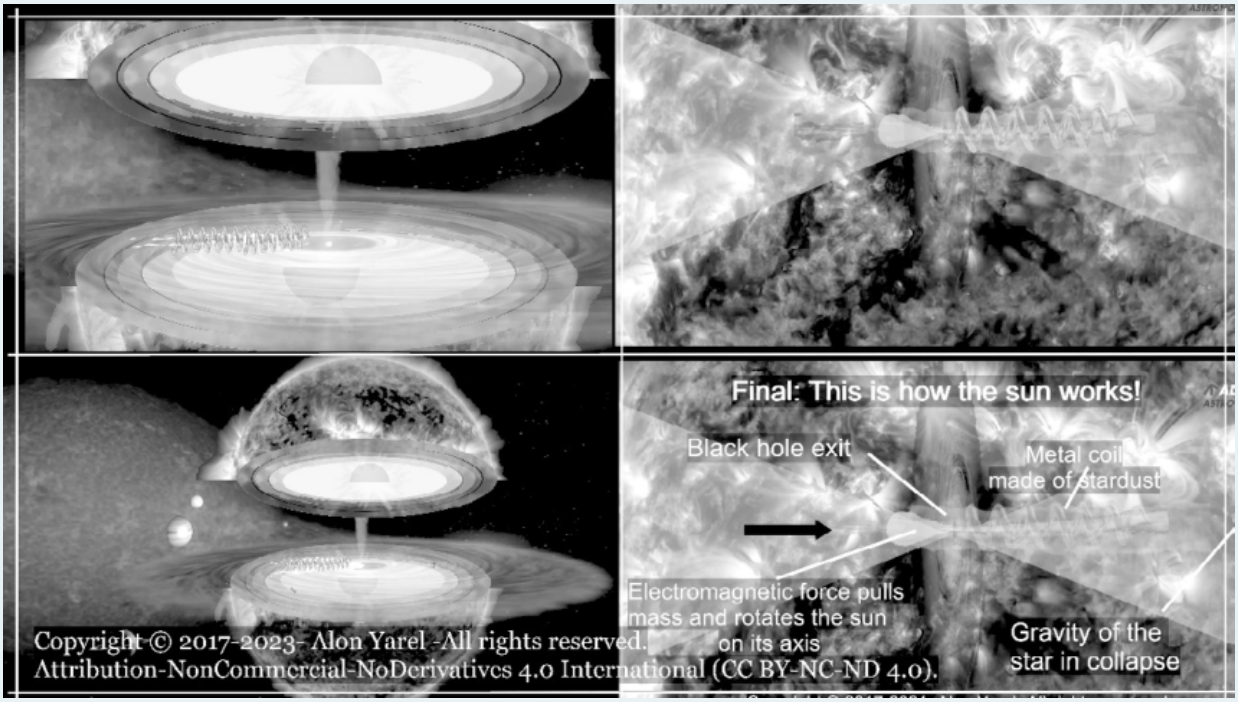


Figura 7: Imagens ilustrativas do cenário.

A ilustração científica original foi preservada; sua legenda está traduzida abaixo.

Formação de uma bobina metálica contínua: A bobina de poeira estelar se alinha ao longo da saída do buraco negro, posicionada no eixo de rotação da protoestrela, e se transforma em uma bobina metálica contínua. **Interrupção e formação do núcleo:** A rotação do aglomerado pré-estelar em torno de seu eixo interrompe a trajetória de uma segunda bobina, que passa pelo centro da bobina inicial, formando um núcleo metálico fixo para o eletroímã. **Criação do eletroímã:** Esse processo resulta na criação de um eletroímã capaz de gerar os fenômenos associados ao sistema solar. **Ignição da pré-estrela:** O aquecimento da bobina leva à ignição da pré-estrela. **Radiação eletromagnética:** Esse cenário cria radiação eletromagnética, resultando em um calor da coroa 300 vezes superior ao calor da superfície. **Formação do Sol:** O eletroímã continua a atrair a massa misturada com metais, fazendo a protoestrela girar em torno de seu eixo, o que acaba levando à sua transformação em um sol.

Esse cenário ilustra a interação intrincada entre forças eletromagnéticas e mecânica celeste na geração de energia solar (Figura 7).

Resultados

Como resultado desse processo, diversas formas de energia são produzidas no interior do Sol, contribuindo para sua produção energética total. Algumas dessas formas de energia foram validadas empiricamente, en-

Copyright © Yarel A

quanto outras são derivadas teoricamente do fenômeno descrito. **Formas de energia no interior do Sol: um exame detalhado**

Energia térmica da bobina: A passagem de uma corrente elétrica pela bobina gera energia térmica, provocando seu aquecimento. Essa energia térmica é uma consequência direta da resistência elétrica encontrada pela corrente. A bobina aquecida contribui para a temperatura global no interior do Sol e desempenha um papel no início de outros processos geradores de energia. **Energia de fissão nuclear:** Medições empíricas indicam sinais de fissão nuclear no interior do Sol. A simulação do buraco negro V404 Cygni, que demonstra a emissão de gases, fornece evidências substanciais e decisivas de fissão nuclear no centro da atividade solar. Esse processo envolve a emissão de uma quantidade significativa de gases como resultado dessa atividade. **Energia de fusão nuclear:** O calor gerado pela bobina inicia processos de fusão nuclear no interior do Sol, os quais são bem documentados. Na fusão nuclear, núcleos atômicos leves se combinam para formar núcleos mais pesados, liberando grandes quantidades de energia. Embora a suposição predominante tenha sido de que a fusão nuclear, por si só, explica a produção de energia solar, conclui-se agora que a fusão nuclear não é a fonte primária do calor do Sol, mas sim um resultado de outros processos que contribuem para a energia solar.

Energia eletromagnética: indução eletromagnética e mecânica solar

Desde a descoberta da indução eletromagnética por Faraday M [7], os cientistas têm utilizado esses princípios para explicar uma variedade de fenômenos astrofísicos, incluindo erupções solares, tempestades magnéticas e inversões da polaridade magnética do Sol. As forças eletromagnéticas são um componente central da dinâmica estelar, com partículas carregadas no Sol criando campos magnéticos complexos que regem a atividade solar [8].

Este estudo amplia a aplicação da indução eletromagnética para uma escala cósmica, sugerindo que o núcleo do Sol contém um motor eletromagnético alimentado por bobinas interuniversais de poeira estelar. Essa nova abordagem integra a Lei da Indução de Faraday com observações recentes de emissões de buracos negros para propor que esses processos eletromagnéticos impulsionam a atividade solar [7]. **Energia eletromagnética:** Como resultado da formação do eletroímã no interior do Sol, surgem fenômenos magnéticos: esses fenômenos geram a rotação do Sol em torno do eixo, geram a força do buraco negro que provoca o colapso acelerado da estrela em outro universo, explicam o magnetismo aumentado do Sol e explicam a polaridade solar. Admitindo a possibilidade da avaliação de que a radiação eletromagnética de micro-ondas é a responsável pelo calor da coroa e também por outros fenômenos de nosso sistema solar, que serão detalhados. A energia do eletroímã provém de uma corrente elétrica que passa por uma bobina que envolve o núcleo metálico. **Radiação eletromagnética da coroa:** O espectro eletromagnético é um intervalo de comprimentos de onda da radiação eletromagnética. Do maior para o menor comprimento de onda, o espectro EM inclui ondas de rádio, micro-ondas, infravermelho, luz visível, ultravioleta, raios X e raios gama. **Temperatura extraordinária da coroa:** É conhecido na ciência que a temperatura fora de uma fonte de calor não pode exceder a temperatura da própria fonte. Entretanto, no caso do Sol, a temperatura da superfície é de aproximadamente 5000 graus Celsius, enquanto a temperatura da coroa atinge espantosos 1.5 milhão de graus Celsius. Embora ainda não esteja comprovado que apenas as forças da radiação eletromagnética de micro-ondas gerem o calor da coroa, a indução eletromagnética dinâmica de micro-ondas oferece uma explicação plausível para essa anomalia, na qual a temperatura da superfície é significativamente inferior à da coroa. Esse aparente paradoxo sugere a presença de uma fonte dinâmica de calor por micro-ondas responsável pela temperatura da coroa ser 300 vezes maior que a da superfície solar. Um candidato plausível a essa fonte dinâmica de calor é um mecanismo de micro-ondas. Embora ainda faltem medições diretas, formula-se a hipótese de que as micro-ondas do eletroímã no interior do Sol gerem radiação de micro-ondas. Esse mecanismo poderia teoricamente produzir calor substancial na região circundante, mantendo uma temperatura significativamente inferior dentro do próprio eletroímã.

Conclusão sobre a energia eletromagnética: Embora medições precisas ainda não tenham confirmado que a potência eletromagnética emitida pelo Sol opere em frequências de micro-ondas suficientes para gerar o calor da coroa, a indução eletromagnética dinâmica continua sendo a explicação mais plausível para esse fenômeno anômalo. A própria existência de um eletroímã no interior do Sol indica uma conclusão altamente provável de que a energia eletromagnética de micro-ondas é responsável pela geração do calor da coroa solar.

Copyright © Yarel A

Conclusões

O cenário apresentado delineia uma nova perspectiva sobre a formação e a dinâmica energética do Sol, fundamentada na hipótese de que a poeira estelar que emerge de um buraco negro desempenha um papel crucial nesses processos. As evidências apresentadas, incluindo observações e simulações da NASA, sustentam a afirmação de que a formação do Sol está intrinsecamente ligada à ejeção de material de uma estrela em colapso em outro universo. Esse cenário contesta as visões tradicionais, oferecendo uma explicação convincente para a existência do Sol e a fonte de sua energia. A análise das fontes de energia solar neste capítulo detalha ainda mais os mecanismos pelos quais o Sol gera sua imensa potência. O mecanismo natural proposto para a geração de tensão elétrica no interior do Sol oferece uma estrutura coerente para compreender a interação entre poeira estelar, eletromagnetismo e processos nucleares. A sequência delineada de acontecimentos que leva à criação de um eletroímã no interior do Sol oferece uma explicação plausível para diversos fenômenos solares, incluindo a rotação solar, as propriedades magnéticas e o calor extremo da coroa. O capítulo conclui destacando a diversidade de formas de energia no interior do Sol, incluindo energia térmica, energia de fissão e fusão nuclear e energia eletromagnética. Essas energias não apenas são vitais para o funcionamento do Sol, como também têm implicações significativas para a compreensão da dinâmica mais ampla de nosso sistema solar. O exame detalhado desses processos ressalta a importância de repensar conceitos astrofísicos estabelecidos à luz dessas novas evidências, abrindo caminho para futuras explorações e validações em pesquisas posteriores.

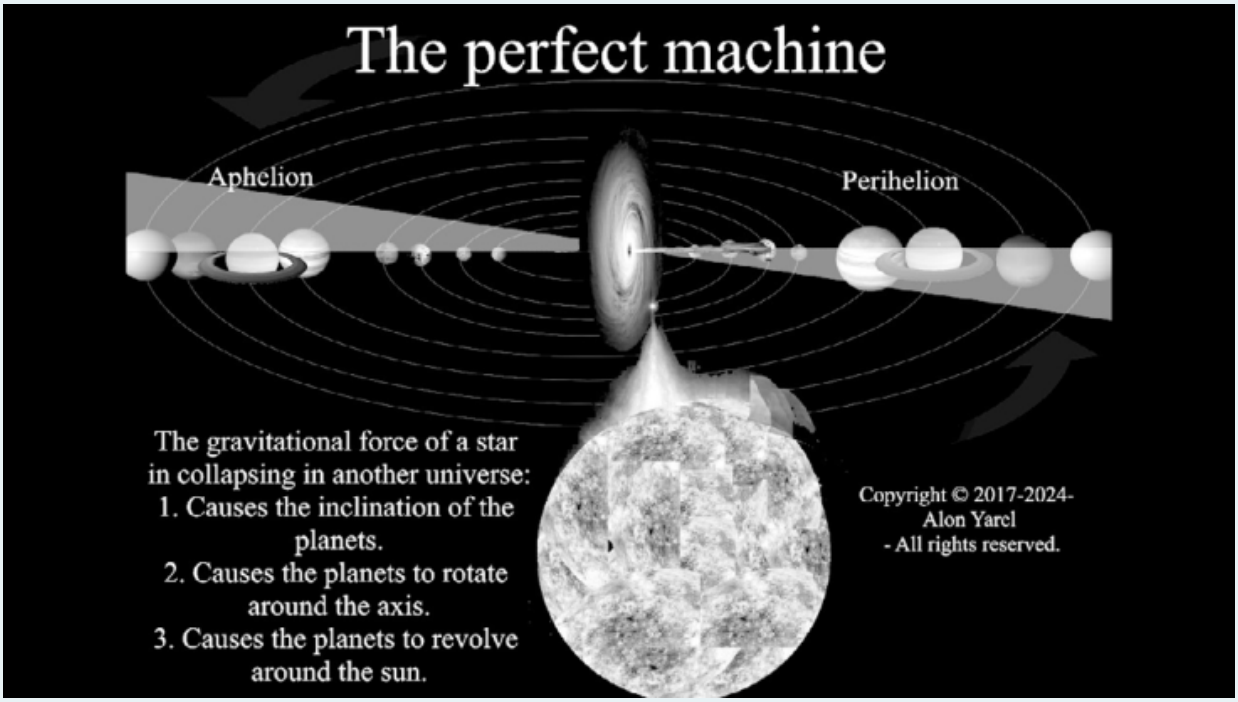


Figura 8: Imagem de apresentação da máquina interuniversal.

A ilustração científica original foi preservada; sua legenda está traduzida abaixo.

Apresentação da máquina interuniversal

Neste capítulo, apresentaremos a máquina interuniversal. Abaixo está uma imagem de apresentação da máquina interuniversal. Essa apresentação mostra como a máquina interuniversal, além de criar o Sol e produzir energia solar, também realiza os fenômenos do sistema solar: A. A inclinação dos planetas. B. A rotação dos planetas em torno de seus eixos. C. A rotação dos planetas ao redor do Sol. D. A estabilização das órbitas de rotação dos planetas ao redor do Sol em uma formação semelhante a um disco (Figura 8).

Copyright © Yarel A

O fenômeno interuniversal: contestando o Big Bang

Observações astronômicas recentes, incluindo as da missão GRACE da NASA e do Telescópio Espacial James Webb (JWST), forneceram novos dados que contestam os modelos cosmológicos tradicionais. Este estudo introduz a ideia de que os buracos negros podem atuar como portais interuniversais, ejetando poeira estelar em nosso universo, que se acumula e forma corpos estelares. A literatura atual, incluindo o trabalho de Hawking [9] sobre buracos negros e radiação, não contempla esses fenômenos interuniversais, mas este projeto pretende preencher essa lacuna propondo um mecanismo radical para a dinâmica do sistema solar por meio da máquina interuniversal.

A emissão observada de poeira estelar do buraco negro v404 Cygni, juntamente com a imagem da ampulheta incandescente da NASA, constitui uma evidência convincente que sustenta essa teoria. Embora esses fenômenos tenham sido tradicionalmente interpretados à luz de processos astrofísicos conhecidos, esta pesquisa postula que eles são evidências de intercâmbio interuniversal e de formação solar impulsionada por forças anteriormente desconhecidas.

A força que cria e preserva a inclinação dos planetas

Fenômenos de buracos negros e distorção temporal interuniversal: A ideia de que os buracos negros constituem singularidades cósmicas nas quais o tempo e o espaço se distorcem está bem estabelecida [10]. Entretanto, o conceito de distorção temporal entre universos, tal como descrito nesta pesquisa, não tem precedentes na literatura atual. Observou-se, por exemplo, o buraco negro v404 Cygni ejetando gás em duas direções, assemelhando-se ao padrão de espirais de poeira estelar que emergem de um buraco negro conforme descrito neste estudo. Embora essas observações tenham sido analisadas sob perspectivas astrofísicas tradicionais, a máquina interuniversal proposta oferece uma nova explicação: essas ejeções são o resultado de uma estrela em colapso em um universo que atravessa um buraco negro e cria poeira estelar em outro. A distorção temporal inerente a esse processo, no qual acontecimentos que transcorrem em dois dias em um universo abrangem milhões de anos em outro, acrescenta complexidade à nossa compreensão dos buracos negros e de seu papel na evolução cósmica. **Dinâmica gravitacional no colapso multiversal:** Este capítulo constitui a pedra angular de nosso estudo. Várias estimativas dependem da existência da força gravitacional de uma estrela em colapso no outro universo, que atravessa um buraco negro e emerge em duas direções opostas.

Hipótese e evidências

Nossa hipótese afirma a presença de uma força gravitacional proveniente do Sol que ainda não foi caracterizada pela ciência. A missão GRACE da NASA, uma iniciativa premiada, revolucionou nossa compreensão das forças gravitacionais da Terra e do sistema terrestre. A missão Gravity Recovery and Climate Experiment (GRACE) envolveu duas espaçonaves voando em conjunto ao redor da Terra para monitorar mudanças críticas nos corpos d'água, mantos de gelo e massa sólida do planeta. Essas espaçonaves detectaram "mudanças sazonais na gravidade", indicando que a força gravitacional G varia entre o verão e o inverno. A NASA atribuiu essas mudanças aos efeitos gravitacionais das chuvas de inverno e do fluxo de água subterrânea. Entretanto, nossa interpretação sugere que essas variações sazonais da gravidade são influenciadas pela força gravitacional de uma estrela em colapso. Propomos que essa força externa modula a gravidade terrestre em relação às estações. Essa força gravitacional, que desejamos apresentar agora, é a mesma que inicia a corrente elétrica na bobina no interior do Sol.

Inclinação da Terra

Apresentaremos agora as evidências que sustentam nossa hipótese principal sobre a existência de uma força gravitacional de uma estrela em colapso em outro universo, que mantém a atividade solar e provoca a inclinação da Terra. Essa evidência depende da inclinação terrestre. Observamos que a inclinação da Terra não é natural, pois uma inclinação natural não variaria de velocidade nem cessaria seu movimento. Em contraste, a inclinação da Terra acelera, desacelera e chega a parar durante quatro dias, duas vezes por ano.

Copyright © Yarel A

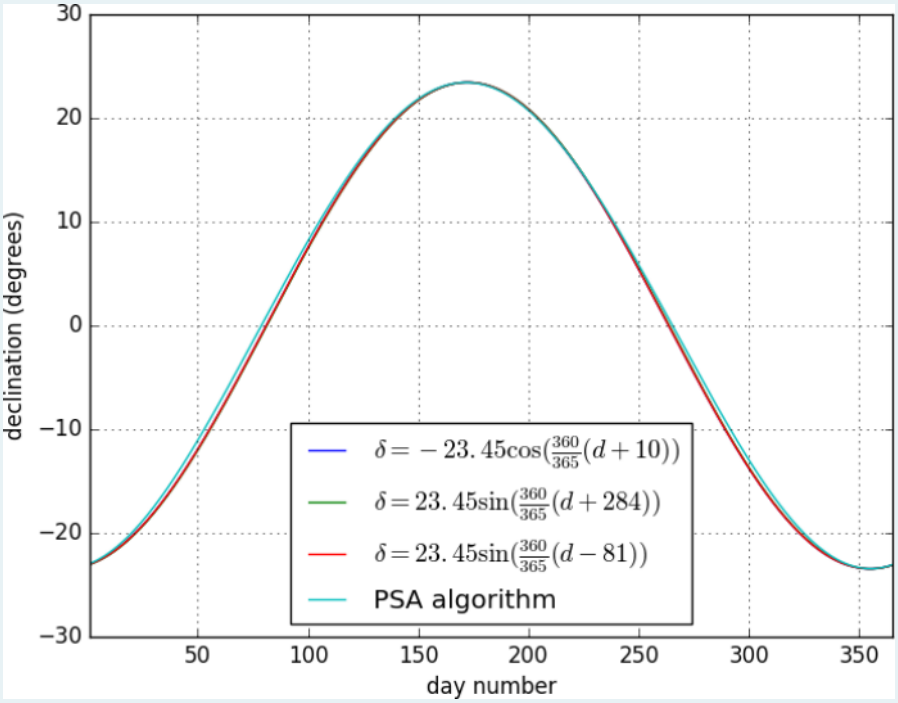


Figura 9: Variação anual da inclinação da Terra com as fórmulas de cálculo correspondentes.

A ilustração científica original foi preservada; sua legenda está traduzida abaixo.

Tabela 1: Valores médios da declinação do Sol para o ciclo quadrienal de anos bissextos.

As células numéricas, os sinais e os valores originais foram preservados sem modificação. Cabeçalhos dos meses: Jan (janeiro), Feb (fevereiro), Mar (março), Apr (abril), May (maio), Jun (junho); July (julho), Aug (agosto), Sep (setembro), Oct (outubro), Nov (novembro), Dec (dezembro). N: norte; S: sul.

	Jan	Feb	Mar	Apr	May	Jun
1	23.1S	17.3S	7.8S	N 4.3	14.9N	22.0N
2	22.9S	17.1S	7.4S	4.7	15.2N	22.1N
3	22.9S	16.8S	7.0S	N 5.1	15.5N	22.2N
4	22.8S	16.5S	6.6S	N 5.5	15.8N	22.3N
5	22.7S	16.2S	6.3S	N 5.8	16.1N	22.5N
6	22.6S	15.8S	5.8S	N 6.2	16.4N	22.6N
7	22.4S	15.6S	5.5S	N 6.6	16.6N	22.7N
8	22.3S	15.2S	5.1S	N 7.0	16.9N	22.8N
9	22.2S	14.8S	4.7S	N 7.3	17.2N	22.9N
10	22.1S	14.6S	4.3S	N 7.7	17.4N	23.0N
11	21.9S	14.3S	3.9S	N 8.1	17.7N	23.0N
12	21.8S	13.9S	3.5S	N 8.5	18.0N	23.1N
13	21.6S	13.6S	3.1S	N 8.8	18.2N	23.2N
14	21.5S	13.3S	2.8S	N 9.2	18.5N	23.2N
15	21.3S	12.9S	2.3S	N 9.5	18.7N	23.3N
16	S 21.1	12.6S	2.0S	N 9.9	19.0N	23.3N
17	20.9S	12.2S	1.6S	10.3N	19.2N	23.3N
18	20.7S	11.8S	1.2S	10.6N	19.4N	23.4N
19	20.5S	11.6S	0.8S	10.9N	19.6N	23.4N

Copyright © Yarel A

20	20.3S	11.2S	0.4S	11.3N	19.8N	23.5N
21	20.1S	10.8S	0	11.6N	20.1N	23.5N
22	19.8S	10.5S	0.4N	12.0N	20.3N	23.5N
23	19.6S	10.1S	0.8N	12.3N	20.4N	23.5N
24	19.4S	9.7S	1.2N	12.4N	20.6N	23.4N
25	19.2S	9.4S	1.6N	13.0N	20.8N	23.4N
26	18.8S	9.0S	2.0N	13.3N	21.0N	23.4N
27	18.6S	8.6S	2.6N	13.6N	21.2N	23.3N
28	18.4S	8.3S	2.8N	14.0N	21.4N	23.3N
29	18.1S	8.0S	3.1N	14.3N	21.5N	23.2N
30	17.8S	-	3.5N	14.6N	21.6N	23.2N
31	17.6S	-	3.8N	-	21.8N	-

	July	**Aug**	**Sep**	**Oct**	**Nov**	**Dec**
1	23.1N	18.1N	8.5N	2.9S	14.2S	21.7S
2	23.1N	17.9N	8.1N	3.3S	14.6S	21.8S
3	23.0N	17.6N	7.8N	3.7S	14.8S	22.0S
4	22.9N	17.4N	7.4N	4.1S	15.2S	22.1S
5	22.8N	17.1N	7.0N	4.5S	15.5S	22.3S
6	22.7N	16.8N	6.6N	4.8S	15.8S	22.4S
7	22.6N	16.6N	6.3N	5.3S	16.1S	22.5S
8	22.5N	16.3N	5.9N	5.6S	16.4S	22.6S
9	22.5N	16.0N	5.5N	6.0S	16.6S	22.7S
10	22.3N	15.7N	5.1N	6.4S	16.9S	22.8S
11	22.2N	15.4N	4.8N	6.8S	17.2S	22.9S
12	22.1N	15.1N	4.4N	7.1S	17.5S	23.0S
13	21.9N	14.8N	4.0N	7.5S	17.8S	23.1S
14	21.8N	14.5N	3.6N	7,9S	18.1S	23.1S
15	21.6N	14.2N	3.3N	8.3S	18.3S	23.2S
16	.21 5N	13.9N	2.8N	8.6S	18.6S	23.3S
17	21.3N	13.6N	2.5N	9.0S	18.8S	23.3S
18	N 21.1	13.3N	2.1N	9.4S	19.1S	23.3S
19	20.9N	13.0N	1.7N	9.7S	19.3S	23.4S
20	20.8N	12.6N	1.3N	10.1S	19.6S	23.4S
21	20.6N	12.3N	0.9N	10.5S	19.8S	23.5S
22	20.4N	12.0N	0.5N	10.8S	20.0S	23.5S
23	20.2N	11.6N	0.1N	11.2S	20.2S	23.4S
24	20.0N	11.3N	0.2S	11.5S	20.4S	23.4S
25	19.8N	10.9N	0.6S	11.8S	20.6S	23.4S
26	19.6N	10.6N	1.0S	12.2S	20.8S	23.4S
27	19.3N	10.3N	1.4S	12.6S	21.0S	23.3S
28	19.1	9.9N	1.8S	12.9S	21.2S	23.3S
29	18.9N	9.6N	2.1S	13.2S	21.3S	23.2S
30	18.6N	9.3N	2.6S	13.6S	21.5S	23.2S
31	18.4N	8.8N	-	13.8S	-	23.1S

Copyright © Yarel A

Fórmulas e dados

De acordo com a Figura 9 e as Tabelas 1 & 2, vemos que a inclinação da Terra é dinâmica.

Segundo a primeira lei de Newton, um objeto permanece em repouso ou move-se em linha reta com velocidade constante, a menos que uma força externa atue sobre ele. Entretanto, o gráfico e a tabela fornecidos da inclinação da Terra demonstram que essa inclinação é dinâmica.

Os dados mostram que a inclinação da Terra passa por períodos de aceleração e desaceleração e chega a parar completamente durante quatro dias, duas vezes por ano. Esse comportamento contradiz o conceito de movimento perpétuo, que implica movimento contínuo em um sistema não perturbado. • **Conclusão:** A inclinação da Terra não é natural.

Tabela 2: Valores anuais calculados da inclinação da Terra.

As células numéricas, os sinais e os valores originais foram preservados sem modificação. Valores anuais da inclinação da Terra. O dia do ano e os valores da inclinação são reproduzidos conforme impressos.

Annual values of Earth's inclination															
351	23.39-	301	14.02-	251	5.1	201	20.68	151	21.86	101	7.81	51	11.66	1	23.03
352	23.41-	302	14.34	252	4.71	202	20.49	152	22	102	8.19	52	11.31-	2	22.95
353	23.43-	303	14.66	253	4.31	203	20.29	153	22.14	103	8.57	53	10.95-	3	22.86-
354	23.44-	304	14.97	254	3.91	204	20.08	154	22.27	104	8.95	54	10.60-	4	22.77-
355	23.45-	305	15.28	255	3.51	205	19.87	155	22.39	105	9.32	55	10.23-	5	22.67-
356	23.44-	306	15.59	256	3.11	206	19.65	156	22.51	106	9.69	56	9.87-	6	22.56-
357	23.43-	307	15.89	257	2.71	207	19.43	157	22.62	107	10.1	57	9.50-	7	22.45
358	23.41-	308	16.18	258	2.31	208	19.2	158	22.72	108	10.4	58	9.13-	8	22.33-
359	23.39-	309	16.47	259	1.91	209	18.97	159	22.81	109	10.8	59	8.76-	9	22.20-
360	23.36-	310	16.75	260	1.51	210	18.73	160	22.9	110	11.1	60	8.38-	10	22.07-
361	23.32-	311	17.03	261	1.1	211	18.48	161	22.99	111	11.5	61	8.00-	11	21.93-
362	23.28-	312	17.31	262	0.7	212	18.23	162	23.06	112	11.8	62	7.62-	12	21.78-
363	23.22-	313	17.58	263	0.3	213	17.97	163	23.13	113	12.2	63	7.24-	13	21.63-
364	23.17-	314	17.84	264	0.1	214	17.71	164	23.2	114	12.5	64	6.86-	14	21.47-
365	23.10-	315	18.1	265	0.5	215	17.44	165	23.25	115	12.9	65	6.47-	15	21.31-
		316	18.36	266	0.9	216	17.17	166	23.3	116	13.2	66	6.08-	16	21.14-
		317	18.6	267	1.31	217	16.89	167	23.34	117	13.5	67	5.69-	17	20.96-
		318	18.85	268	1.71	218	16.61	168	23.37	118	13.9	68	5.30-	18	20.77-
		319	19.08	269	2.11	219	16.33	169	23.4	119	14.2	69	4.90-	19	20.58-
		320	19.32	270	2.51	220	16.03	170	23.42	120	14.5	70	4.51-	20	20.39-
		321	19.54	271	2.91	221	15.74	171	23.44	121	14.8	71	4.11-	21	20.18-
		322	19.76	272	3.31	222	15.43	172	23.44	122	15.1	72	3.71-	22	19.98-
		323	19.98	273	3.71	223	15.13	173	23.44	123	15.4	73	3.31-	23	19.76-
		324	2018	274	4.11	224	14.82	174	23.44	124	15.7	74	2.91-	24	19.54-
		325	20.39	275	4.51	225	14.5	175	23.42	125	16	75	2.51-	25	19.32-
		326	20.58	276	4.9	226	14.18	176	23.4	126	16.3	76	2.11-	26	19.08
		327	20.77	277	5.30-	227	13.86	177	23.38	127	16.6	77	1.71-	27	18.85-
		328	20.96	278	5.69	228	13.53	178	23.34	128	16.9	78	1.31-	28	18.60-
		329	21.14	279	6.08	229	13.2	179	23.3	129	17.2	79	0.9	29	18.36

Copyright © Yarel A

		330	21.31	280	6.47	230	12.87	180	23.25	130	17.4	80	0.5	30	18.10-
		331	21.47	281	6.86	231	12.55	181	23.01	131	17.7	81	0.10-	31	17.84-
		332	21.63	282	7.24	232	12.18	182	23.13	132	18	82	0.3	32	17.58
		333	21.78	283	7.62	233	11.84	183	23.06	133	18.2	83	0.7	33	17.31
		334	21.93	284	8	234	11.49	184	22.99	134	18.5	84	1.1	34	17.03-
		335	22.07	285	8.38	235	11.13	185	22.9	135	18.7	85	1.51	35	16.75-
		336	22.2	286	8.76	236	10.78	186	22.81	136	19	86	1.91	36	16.47-
		337	22.33	287	9.13	237	10.42	187	22.72	137	19.2	87	2.31	37	16.18-
		338	22.45	288	9.5	238	10.05	188	22.62	138	19.4	88	2.71	38	15.89
		339	22.56	289	9.87	239	9.69	189	22.51	139	19.7	89	3.11	39	15.59-
		340	22.67	290	0.23	240	9.32	190	22.39	140	19.9	90	3.51	40	15.28-
		341	22.77	291	10.6	241	8.95	191	22.27	141	20.1	91	3.91	41	14.97-
		342	22.86	292	10.95	242	8.57	192	22.14	142	20.3	92	4.31	42	14.66-
		343	22.95	293	11.31	243	8.19	193	22	143	20.5	93	4.71	43	14.34-
		344	23.03	294	11.66	244	7.81	194	21.86	144	20.7	94	5.1	44	14.02-
		345	23.1	295	12.01	245	7.43	195	21.71	145	20.9	95	5.49	45	13.07-
		346	23.17	296	12.35-	246	7.05	196	21.55	146	21.1	96	5.89	46	13.37-
		347	23.22	297	12.7	247	6.66	197	21.39	147	21.2	97	6.28	47	13.03-
		348	23.28	298	13.03	248	6.28	198	21.22	148	21.4	98	6.66	48	12.70-
		349	23.32	299	13.37	249	5.89	199	21.05	149	21.6	99	7.05	49	12.35
		350	23.36	300	13.7	250	5.49	200	21.87	150	21.7	100	7.43	50	12.01-

Forças externas que influenciam a inclinação da Terra: Portanto, concluímos que uma força desconhecida acelera, desacelera e chega a interromper a inclinação da Terra durante quatro dias, duas vezes por ano. Isso suscita uma questão fundamental: que força externa está atuando sobre a Terra para explicar esse fenômeno? Mais especificamente, que força externa atua sobre a Terra para produzir as variações precisas de inclinação observadas no gráfico anexo? **Força gravitacional de uma estrela em colapso e influências gravitacionais sobre o movimento planetário:** A mecânica newtoniana e as leis de Kepler [11] do movimento planetário são há muito aceitas como a estrutura para compreender como os planetas se movem no sistema solar. A teoria da gravitação de Newton foi refinada pela teoria da relatividade geral de Einstein, que explica melhor anomalias gravitacionais, como a precessão do periélio de Mercúrio [1].

Entretanto, este estudo contesta a suposição de que apenas a gravidade rege as inclinações e as rotações planetárias.

Ele postula que a força gravitacional de uma estrela em colapso em outro universo, atravessando um buraco negro, exerce um torque dinâmico sobre os planetas, influenciando tanto suas rotações axiais quanto suas trajetórias orbitais. As variações sazonais da gravidade medidas pela missão GRACE da NASA, Zou Z, et al. [12], sugerem que o movimento planetário pode ser mais dinâmico e mais influenciado por forças externas do que se pensava anteriormente. Esse resultado está alinhado à hipótese de que forças interuniversais atuam sobre nosso sistema solar, reformulando os modelos convencionais da gravidade.

Segundo nosso estudo

Segundo nosso estudo, existe uma força gravitacional de uma estrela em colapso em outro universo que atua em duas direções opostas e provoca a inclinação da Terra, conforme representado na imagem (Figura 10).

Copyright © Yarel A

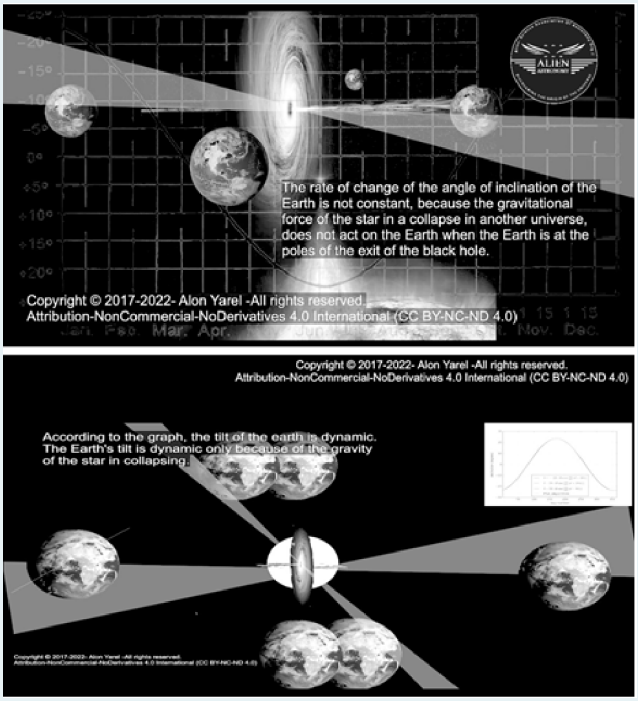


Figura 10: Ilustração que representa o impacto gravitacional de uma estrela em colapso sobre a Terra. O gráfico da inclinação da Terra, de fato, reflete a influência gravitacional de uma estrela em colapso em outro universo.

A ilustração científica original foi preservada; sua legenda está traduzida abaixo.

Essa afirmação é fundamentada pela conclusão lógica de que, quando a Terra se encontra nos polos da saída do buraco negro, a força gravitacional da estrela em colapso no outro universo deixa de atuar sobre a Terra. Consequentemente, observamos na tabela uma interrupção completa da inclinação terrestre durante cerca de quatro dias, duas vezes por ano. Além disso, vemos uma aceleração na inclinação da Terra quando metade do planeta está exposta à força gravitacional da estrela em colapso. Notavelmente, por se tratar da saída de um buraco negro, o ângulo de exposição da Terra à força gravitacional não atinge seu máximo instantaneamente, como indicado no gráfico. São necessários vários dias para que a Terra entre completamente na região em que a influência gravitacional da estrela está plenamente ativa.

Evidências das espaçonaves GRACE.

Ao incorporar medições das espaçonaves GRACE, que demonstram mudanças gravitacionais sazonais na Terra, essas evidências se tornam ainda mais convincentes. Assim, os dados combinados da apresentação da Alien-Science Association of Astronomy Org.il, da comprovação anexa e de outras apresentações fornecem evidências conclusivas da existência da força gravitacional da estrela em colapso em outro universo.

Reflexão da gravidade da estrela em colapso

Deveríamos ter observado uma aceleração seguida de uma desaceleração da inclinação axial da Terra em cada metade de sua órbita ao redor do Sol. Essa expectativa decorre da estrutura esférica da estrela em colapso. Especificamente, todo o hemisfério da Terra deveria ter sido exposto à influência gravitacional crescente e decrescente da estrela em colapso no outro universo, resultando nesse padrão de aceleração e desaceleração.

Copyright © Yarel A

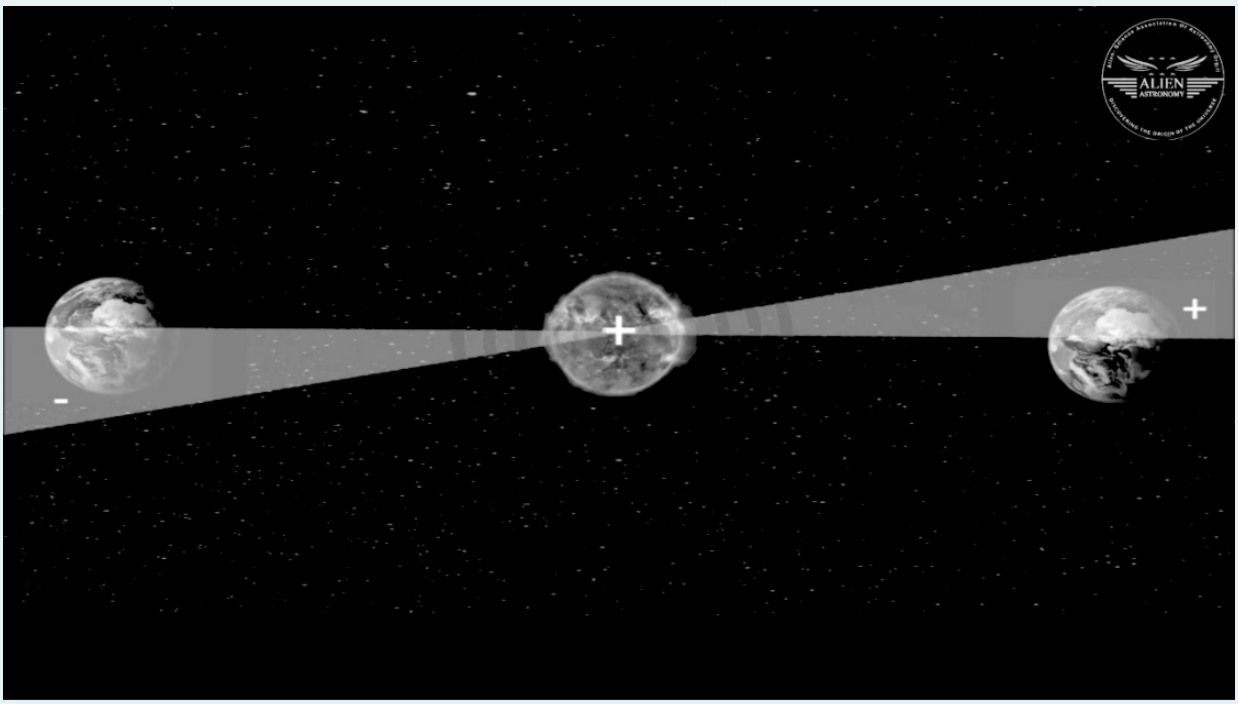


Figura 11: Ilustração da influência gravitacional de uma estrela em colapso sobre a Terra.

A ilustração científica original foi preservada; sua legenda está traduzida abaixo.

De acordo com o gráfico anexo, os períodos ativos situam-se entre os dias 30 a 130 e 210 a 310. Entretanto, ao contrário do esperado, a inclinação da Terra apresenta uma aceleração inicial seguida de um aumento contínuo nas duas metades de sua órbita ao redor do Sol. Isso indica que a Terra não passa por uma fase de desaceleração em nenhum momento de sua meia revolução ao redor do Sol.

Essa observação aponta para um fenômeno de reflexão gravitacional entre buracos negros em outro universo, que só agora está sendo revelado. A explicação inicial de que a inclinação da Terra faz com que apenas metade do planeta experimente a força gravitacional da estrela em colapso em cada meia órbita está incorreta.

O gráfico da inclinação da Terra apresenta a situação de outra forma. De fato, em cada metade da órbita da Terra ao redor do Sol, apenas metade do planeta está exposta à atração gravitacional da estrela em colapso. Entretanto, assim como a Terra, metade de sua influência gravitacional também está exposta à estrela em colapso no outro universo. Isso significa que, durante cada meia órbita, a Terra e a estrela em colapso ficam mutuamente expostas a apenas metade da força gravitacional uma da outra.

Em conclusão, o gráfico da inclinação da Terra atua como uma reflexão da estrela em colapso no outro universo. A inclinação ampliada e invertida em cada hemisfério terrestre ilustra que apenas metade da força gravitacional da estrela é experimentada durante o colapso. Isso também confirma o gráfico da inclinação da Terra e está de acordo com medições de mudanças gravitacionais sazonais no planeta.

Estabilização da inclinação da Terra

• A força gravitacional da estrela em colapso, conforme ilustrada nas figuras abaixo, exerce uma força de atração sobre os polos dos planetas, incluindo a Terra, em direções opostas. Durante o verão, essa força atrai o polo norte da Terra em direção ao Sol, enquanto, no inverno, atrai o polo sul em direção ao Sol. • Já explicamos que a inclinação da Terra cessa quando o planeta se alinha com os polos do buraco negro. Entretanto, a gravidade da estrela em colapso que atua sobre os polos norte e sul contribui para estabilizar a inclinação axial da Terra. Consequentemente, essa interação dinâmica resulta na estabilização da inclinação terrestre (Figura 11).

Copyright © Yarel A

• **Conclusão:** A força gravitacional da estrela em colapso em outro universo cria e estabiliza a inclinação da Terra.

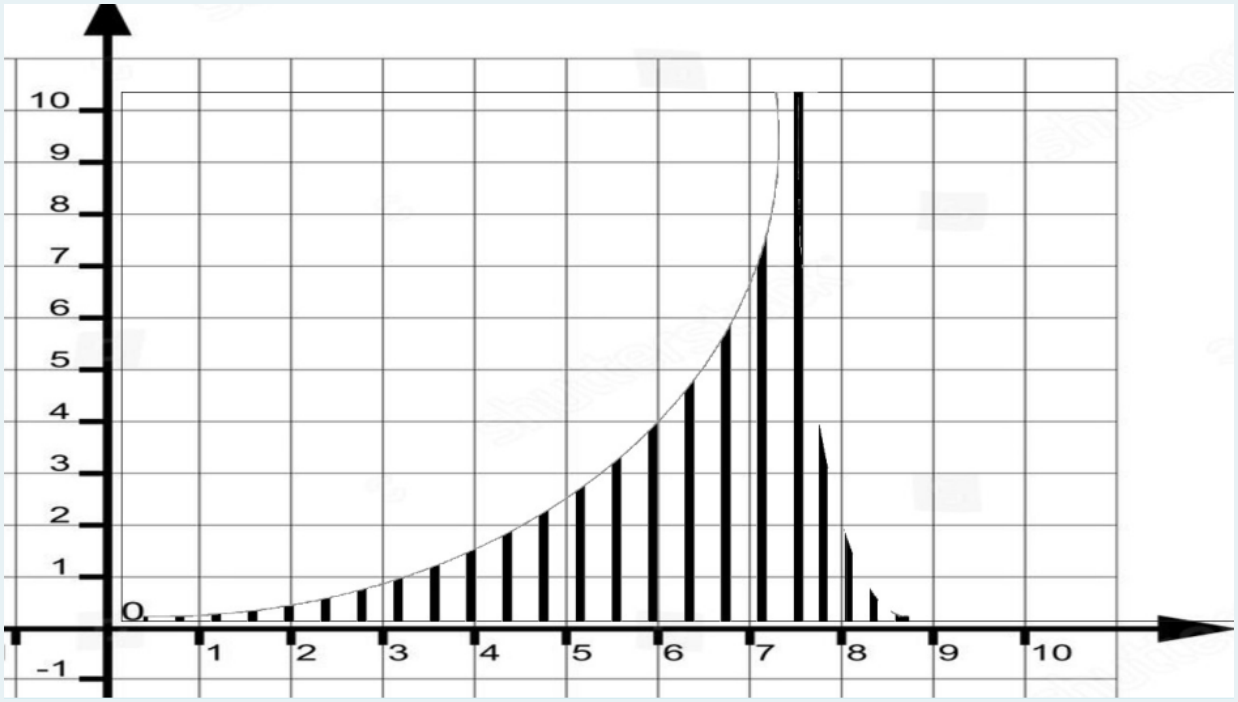


Figura 12: Gráfico que ilustra a variação da força gravitacional experimentada pela Terra durante cada meia órbita anual.

A ilustração científica original foi preservada; sua legenda está traduzida abaixo.

A rotação dos planetas em torno de seus eixos

Durante muitas gerações, a rotação dos planetas em torno de seus eixos foi considerada um fenômeno natural. Embora nosso estudo não tivesse inicialmente o objetivo de explorar esse tema, as características observadas da gravidade da estrela em colapso nos impeliram a investigar mais profundamente. Tendo estabelecido que a Terra experimenta uma influência gravitacional crescente da estrela em colapso, especificamente no hemisfério alinhado com os polos devido à reflexão apenas da porção ascendente da estrela, torna-se agora evidente que essa força gravitacional gera um torque rotacional sobre a Terra.

O efeito da gravidade da estrela em colapso sobre a Terra

Discutimos a influência gravitacional de uma estrela em colapso em outro universo, descrevendo-a como uma força uniforme que atua sobre os polos terrestres e provoca sua inclinação. Entretanto, não caracterizamos essa força.

Precisamos examinar os processos que afetam a Terra quando ela entra e sai do campo gravitacional da estrela em colapso. Neste capítulo, caracterizaremos essas forças detalhadamente e analisaremos como, além de provocar a inclinação terrestre, essa força gravitacional também induz a rotação em torno do eixo da Terra e cria sua órbita ao redor do Sol. Primeiro, precisamos revelar as características gravitacionais da estrela em colapso; então poderemos analisar com precisão seu efeito sobre os polos terrestres.

Copyright © Yarel A

Características gravitacionais da estrela em colapso

Como vimos no capítulo anterior, de acordo com o gráfico e a tabela da inclinação da Terra, a força gravitacional da estrela em colapso sobre o planeta não é constante. Ela depende do ângulo de exposição à força gravitacional da estrela em colapso através da abertura do buraco negro, enquanto a Terra orbita o Sol. Durante a primeira metade da órbita da Terra ao redor do Sol, a força gravitacional atua sobre o hemisfério norte. Durante a segunda metade, atua sobre o hemisfério sul. A premissa é que a estrela em colapso é esférica, de modo que a força gravitacional voltada para os polos da Terra deve ser dinâmica.

Ilustração e análise

Eis um gráfico que ilustra a variação da força gravitacional experimentada pela Terra durante cada meia órbita anual (Figura 12):

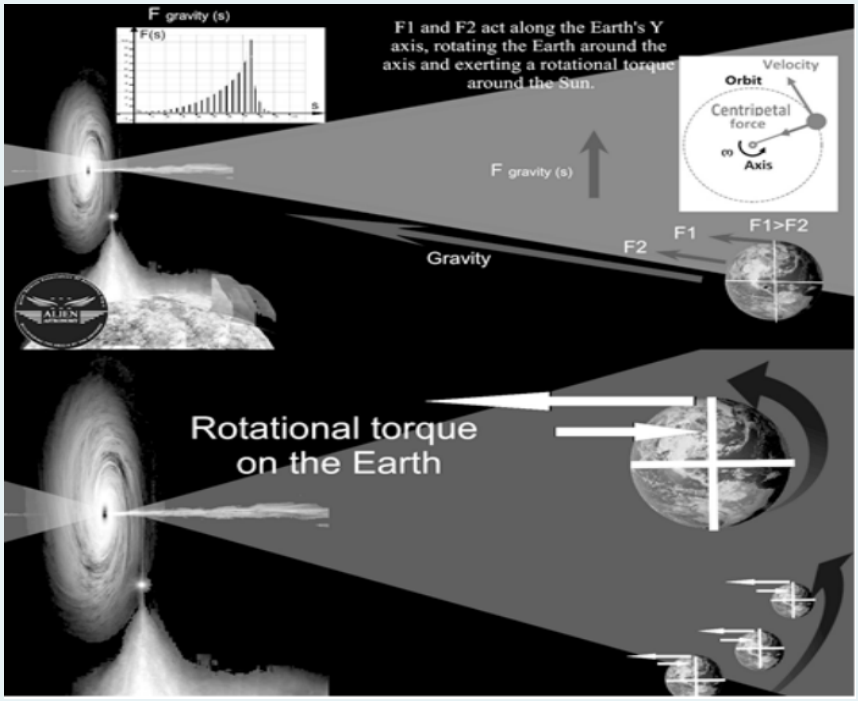


Figura 13: Ilustração de um torque atuando sobre a Terra, exercendo uma força que impulsiona sua rotação em torno de seu eixo e sua revolução ao redor do Sol.

A ilustração científica original foi preservada; sua legenda está traduzida abaixo.

Entrada da Terra no campo gravitacional da estrela em colapso

Ao entrar no campo gravitacional de uma estrela em colapso, o lado norte da Terra experimenta uma força de torque rotacional, atuando como uma hélice ou um rotor. A influência gravitacional da estrela em colapso aumenta ao longo do tempo, com o lado voltado para o eixo de rotação da Terra ao redor do Sol experimentando aumentos maiores da força. O cenário se repete quando a Terra está no lado oposto do Sol. Quando o lado sul da Terra entra no campo gravitacional da estrela em colapso, uma força de torque rotacional atua sobre ele. A força gravitacional crescente da estrela afeta mais intensamente o lado voltado para o eixo de rotação da Terra ao redor do Sol. Essa força induz um torque rotacional sobre a autorrotação terrestre. Em seu ponto mais próximo do Sol, à distância de periélio de 147.1 milhões de km, a Terra atinge sua velocidade orbital máxima de 30,286 km/s. Inversamente, em seu ponto mais distante, à distância de afélio de 152.1 milhões de km, a velocidade orbital da Terra diminui para 29,291 km/s.

Esses dados de medição de velocidade, que mostram mudanças na velocidade de rotação da Terra ao redor do Sol, concretizam nossa afirmação de que a velocidade de rotação da Terra ao redor do Sol não é natural e

Copyright © Yarel A

sustentam os princípios da apresentação. • **Conclusão:** A força gravitacional da estrela em colapso faz a Terra girar em torno de seu eixo.

As forças que influenciam a rotação da Terra ao redor do Sol: Durante muitas gerações, a revolução dos planetas ao redor do Sol foi considerada um fenômeno natural. O fato de a Terra, em seu ponto mais próximo do Sol, à distância de periélio de 147.1 milhões de km, atingir sua velocidade orbital máxima de 30,286 km/s, enquanto, em seu ponto mais distante, à distância de afélio de 152.1 milhões de km, sua velocidade orbital diminui para 29,291 km/s, despertou nossa suspeita. Embora nosso estudo não tivesse inicialmente o objetivo de explorar esse tema, as características observadas da gravidade da estrela em colapso nos impeliram a investigar mais profundamente.

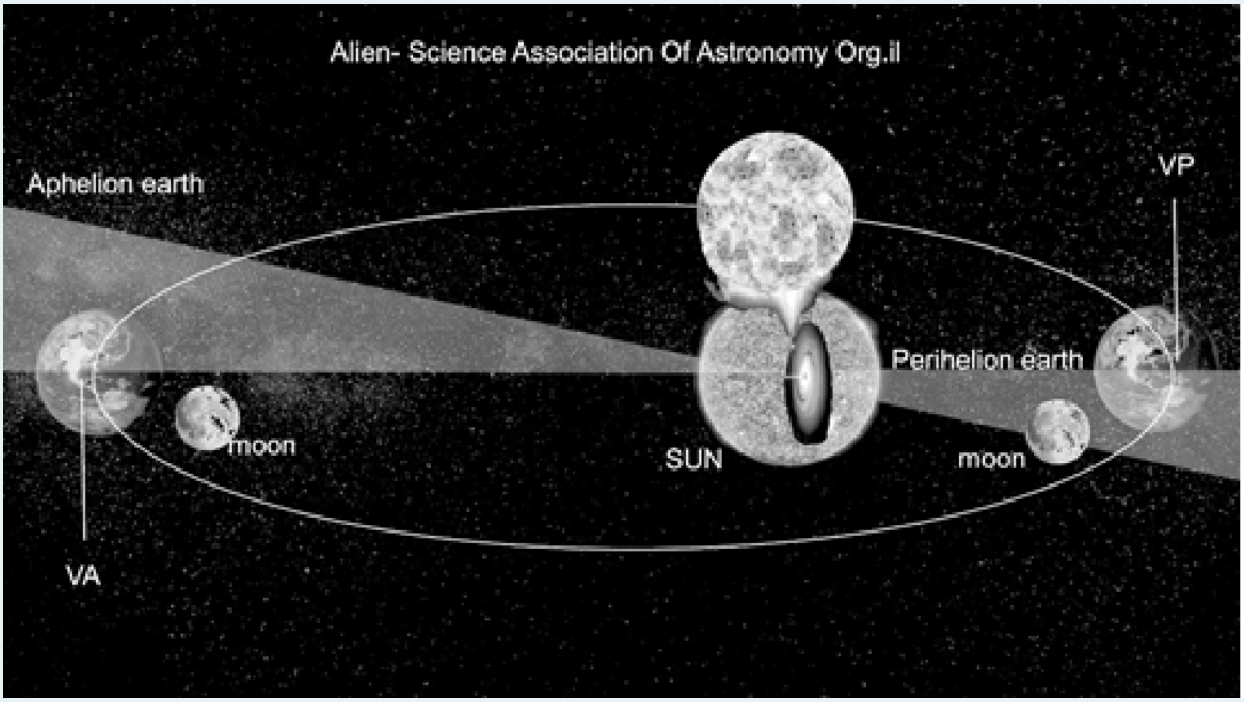


Figura 14: A velocidade orbital da Terra ao redor do Sol aumenta no periélio.

A ilustração científica original foi preservada; sua legenda está traduzida abaixo.

Influência gravitacional sobre as órbitas planetárias

A força que faz os planetas girarem ao redor do Sol é a mesma que faz a Terra girar em torno de seu eixo e provoca sua inclinação. É a mesma força que inicia o fluxo de corrente elétrica na bobina do eletroímã no interior do Sol. É a força gravitacional da estrela em colapso em outro universo, que atravessa a abertura do buraco negro em duas direções opostas.

Descrição das forças que impulsionam a rotação dos planetas ao redor do Sol: o cenário proposto: o torque exercido sobre a Terra pela estrela em colapso apresenta um aumento dinâmico, que faz a rotação ao redor do Sol acelerar. Quando a gravidade da estrela em colapso atua sobre o polo norte terrestre, uma força de torque faz a Terra girar em torno de seu eixo. Esse mesmo torque impulsiona a Terra na direção de sua órbita ao redor do Sol. Quando a força gravitacional da estrela em colapso atua sobre o polo sul, um torque faz a Terra girar de modo semelhante em torno de seu eixo. Entretanto, o mesmo torque que acelerou a rotação da Terra ao atuar sobre o polo norte comporta-se de maneira diferente quando atua sobre o polo sul. A Terra, em seu ponto mais próximo do Sol, à distância de periélio de 147.1 milhões de km, atinge sua velocidade orbital máxima de 30.286 km/s. Em seu ponto mais distante, à distância de afélio de 152.1 milhões de km, sua velocidade orbital diminui para 29.291 km/s, demonstrando outro fenômeno. Para explicar aqui o novo fenômeno, é necessário primeiro explicar a primeira lei de Kepler sobre o movimento elíptico de todos os planetas, que também se revela um fenômeno não natural. **Mo-**

Copyright © Yarel A

vimento elíptico dos planetas ao redor do Sol: Parece haver uma força motriz por trás do movimento elíptico dos planetas.

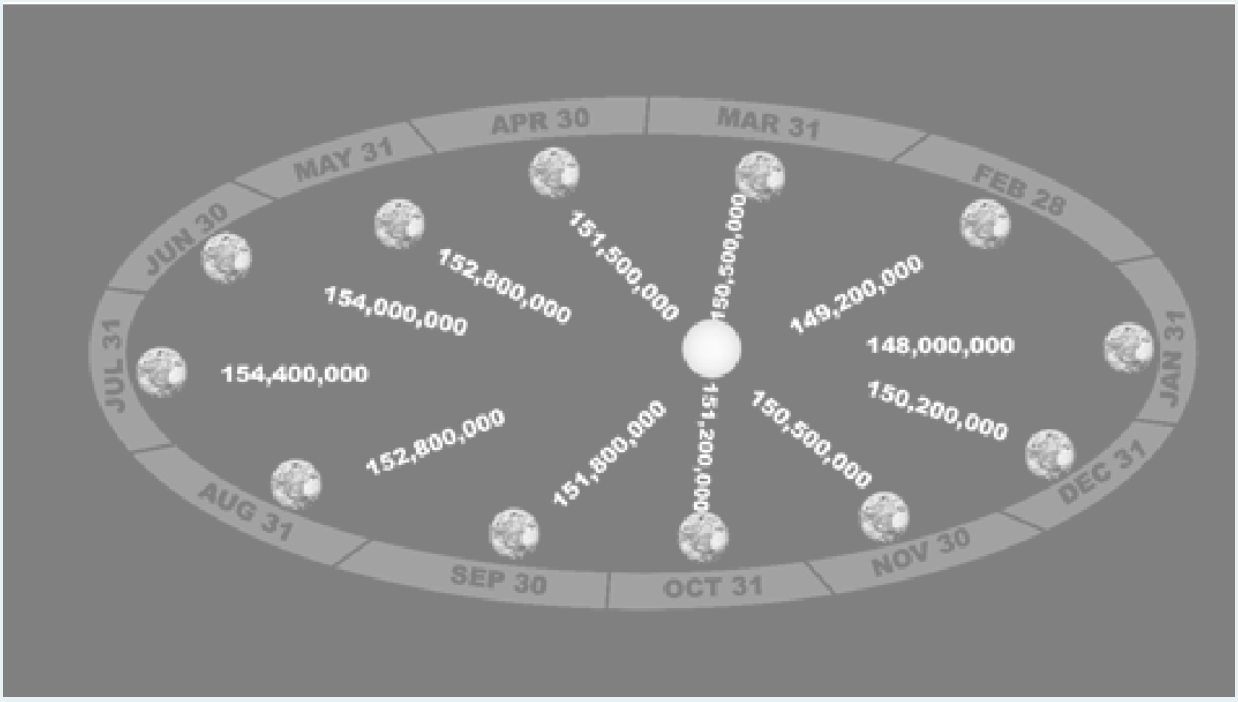


Figura 15: Diagrama que mostra as distâncias variáveis da Terra em relação ao Sol.

A ilustração científica original foi preservada; sua legenda está traduzida abaixo.

• **Primeira lei de Kepler** • Primeira lei de Kepler: a órbita de cada planeta ao redor do Sol é uma elipse. O centro do Sol está sempre localizado em um dos focos da elipse orbital. O Sol está em um dos focos. O planeta segue a elipse em sua órbita, o que significa que a distância entre o planeta e o Sol muda constantemente à medida que o planeta percorre sua órbita (Figura 15). • Não colocamos em dúvida a conclusão de Kepler de que os planetas se movem em órbitas elípticas. Contestamos a afirmação de que "A razão disso decorre da natureza da gravidade e do movimento. Quando um planeta está mais próximo do Sol, ele se move mais rapidamente porque a atração gravitacional solar é mais forte. Inversamente, quando o planeta está mais distante, ele se move mais lentamente porque a atração gravitacional é mais fraca. Essa variação de velocidade, à medida que o planeta percorre sua órbita, faz com que a órbita seja uma elipse em vez de um círculo perfeito". A afirmação é de que a razão é outra.

Influência eletromagnética sobre a rotação dos planetas ao redor do Sol

Segundo nossa pesquisa, a presença de um eletroímã no interior do Sol exerce uma força eletromagnética dos dois lados do buraco negro, resultando em fenômenos magnéticos. Essa força eletromagnética gera regularmente uma polaridade positiva. A força magnética influencia os polos magnéticos da Terra, contribuindo para as órbitas elípticas dos planetas. Quando o polo norte terrestre, de polaridade positiva, se inclina em direção ao Sol, que também apresenta polaridade positiva, a repulsão magnética faz a Terra se afastar do Sol. Inversamente, quando o polo sul terrestre, de polaridade negativa, se inclina em direção à polaridade positiva do Sol, a atração magnética faz a Terra se aproximar do Sol. Essa interação explica o movimento elíptico da Terra e dos outros planetas ao redor do Sol (Figura 16).

• **Conclusão** O movimento elíptico dos planetas deve-se à presença de um eletroímã com polaridade magnética positiva permanente no interior do Sol, combinado

Copyright © Yarel A

com o magnetismo dos planetas durante sua inclinação em direção ao Sol, os quais, em conjunto, provocam o movimento elíptico

Retomando a descrição das forças que impulsionam a rotação dos planetas ao redor do Sol: Depois de compreender que o movimento elíptico dos planetas se deve à presença de um eletroímã com polaridade magnética positiva permanente no interior do Sol, combinado com o magnetismo dos planetas durante sua inclinação em direção ao Sol, os quais, em conjunto, provocam o movimento elíptico, podemos prosseguir. Focaremos principalmente o cenário em que o polo norte magnético da Terra, que é o polo norte geográfico, está inclinado em direção ao Sol. Essa inclinação, com uma carga magnética positiva, cria uma força de repulsão entre eles.

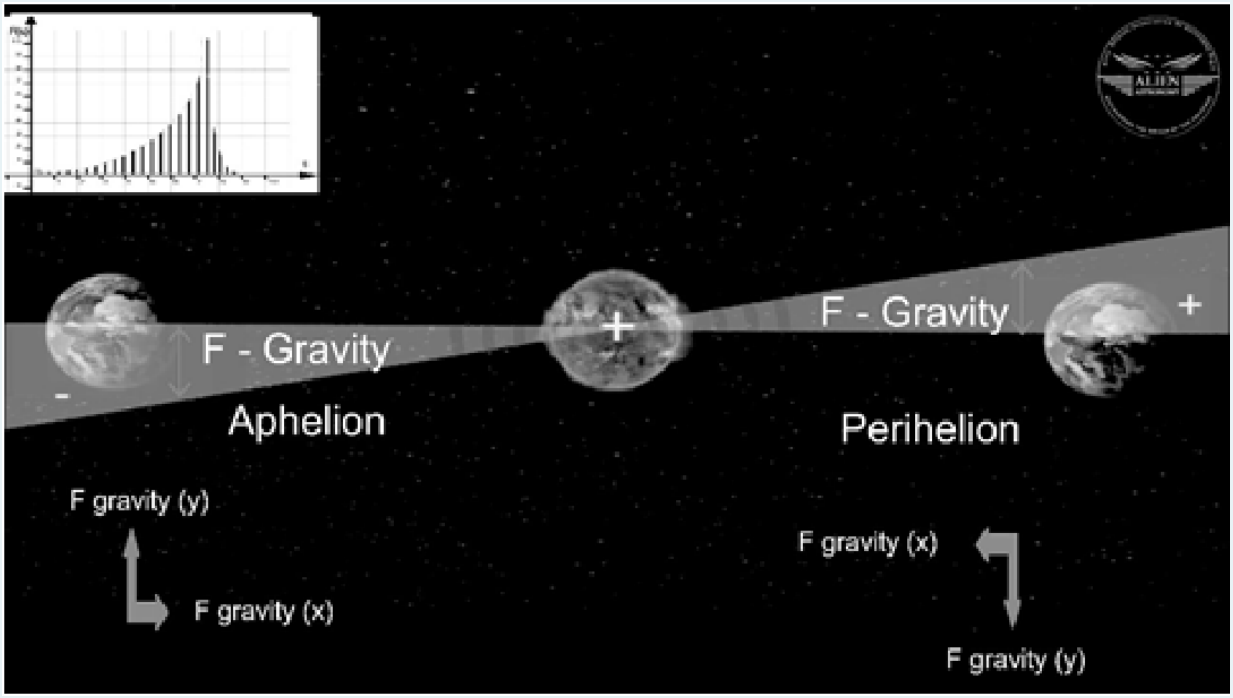


Figura 16: Diagrama das forças que atuam sobre a Terra.

A ilustração científica original foi preservada; sua legenda está traduzida abaixo.

Descrição das forças que impulsionam a rotação dos planetas ao redor do Sol: Como mencionado anteriormente, quando a força gravitacional da estrela em colapso atua sobre o polo norte da Terra, ela gera um torque que faz o planeta girar em torno de seu eixo, inclina a Terra e induz um torque rotacional ao redor do Sol. O que contribui significativamente para essa força de torque gravitacional, e comprova ainda mais sua existência, é a inclinação da Terra, com seu polo magnético positivo, para se alinhar em direção à saída do buraco negro do Sol, que também apresenta polaridade magnética positiva. Nessa configuração, a força gravitacional da estrela em colapso atua sobre o quadrante do polo norte terrestre, atraindo-o e fazendo-o girar, enquanto as forças magnéticas positivas da Terra e do eletroímã se repelem mutuamente. Essa interação resulta na órbita rotacional da Terra ao redor do Sol e acelera sua velocidade orbital. Nesse ponto, a força gravitacional da estrela em colapso atua sobre o quadrante do polo norte da Terra, atraindo-o e fazendo-o girar, enquanto a força magnética positiva terrestre e a força magnética positiva do eletroímã se repelem ao longo do eixo, mantendo uma órbita rotacional ao redor do Sol. Assim, uma força de atração, a força gravitacional da estrela em colapso, e uma força de repulsão, a interação magnética entre a Terra e o Sol, provocam juntas a aceleração da rotação da Terra em torno de seu eixo e de sua órbita ao redor do Sol. No lado oposto do Sol, a situação é diferente. Quando a gravidade da estrela em colapso atua sobre um quarto do polo sul terrestre, uma força de torque da gravidade da estrela em colapso faz a Terra girar em torno de seu eixo, provocando sua inclinação. Essa força permanece inalterada. Entretanto, como o polo sul da Terra, de polaridade magnéti-

Copyright © Yarel A

ca negativa, está inclinado em direção ao Sol, que apresenta polaridade magnética positiva, ocorre uma força adicional de atração. A força gravitacional da estrela em colapso atrai o polo sul, enquanto este se inclina em direção ao Sol, e o eletroímã também atrai a Terra pelo polo sul. Nesse caso, não há nenhum torque rotacional. Existe apenas a força normal de torque da gravidade da estrela em colapso, sem qualquer auxílio do eletroímã no interior do Sol.

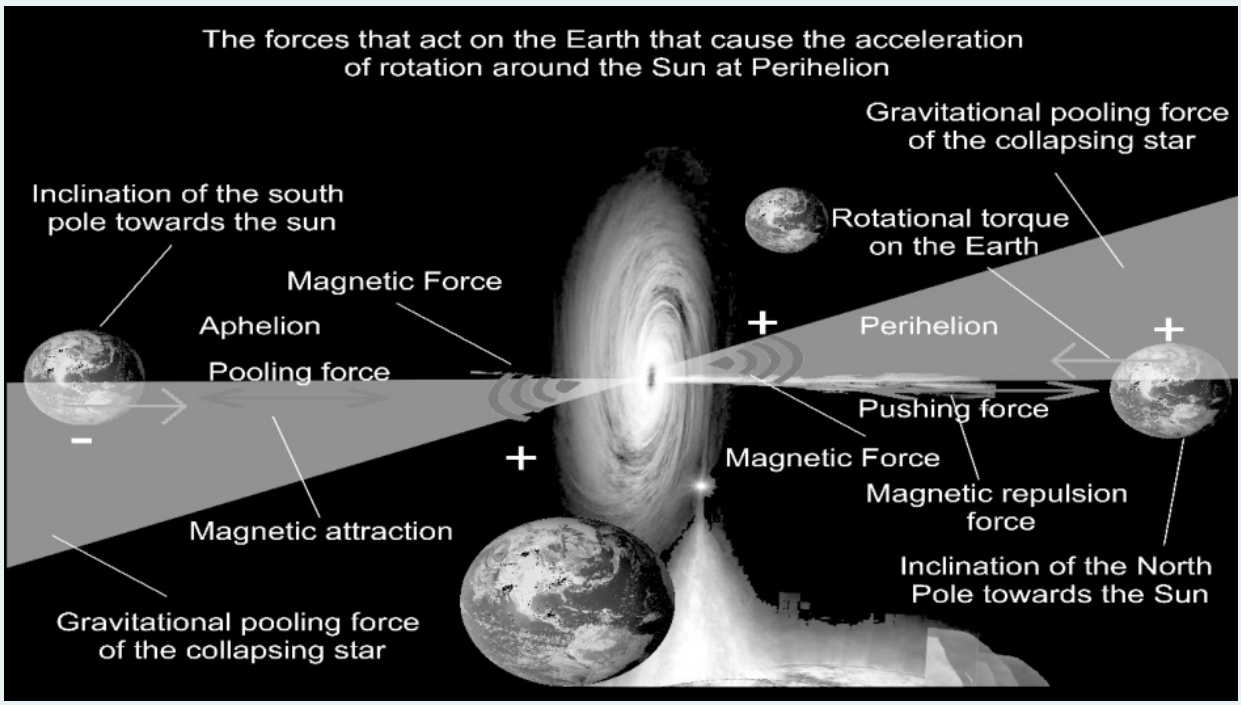


Figura 15: Caracterização das forças verticais ao longo do eixo Y da gravidade de uma estrela em colapso, estabilizando o movimento planetário em uma órbita semelhante a um disco.

A ilustração científica original foi preservada; sua legenda está traduzida abaixo.

• **Conclusão:** A rotação dos planetas ao redor do Sol é impulsionada por uma combinação de forças, principalmente magnetismo e gravidade. Diversas forças interagem, algumas atraindo um lado da Terra enquanto outras o empurram. A força gravitacional da estrela em colapso, juntamente com suas características dinâmicas, contribui significativamente para a rotação da Terra ao redor do Sol. Entretanto, a força eletromagnética no periélio contribui significativamente para o torque rotacional da Terra ao redor do Sol. Embora muitas conclusões careçam de resultados empíricos diretos, elas se fundamentam em etapas estabelecidas anteriormente, algumas das quais foram comprovadas. Essas conclusões são sustentadas por evidências anteriores (Figura 15).

A força gravitacional da estrela em colapso, que também atua no eixo Y, é uma força central na estabilização do movimento dos planetas em uma órbita semelhante a um disco.

A força magnética do eletroímã interno do Sol estabiliza o movimento circunferencial da Terra devido à natureza metálica do planeta: A força magnética é uma força de atração que ocorre entre duas partículas carregadas ou objetos que contêm ferro. Ela pode ser de atração ou repulsão, dependendo da carga iônica do objeto. Objetos com a mesma carga elétrica se repelem, enquanto cargas opostas se atraem.

A estrutura metálica da Terra que estabiliza sua órbita ao redor do Sol em uma formação semelhante a um disco: Com base no entendimento científico atual, a composição da Terra é de aproximadamente 50% de ferro, com o ferro constituindo cerca de 30% e o magnésio em torno de 15%. O alumínio também está presente em quantidades significativas, enquanto outros metais existem em quantidades vestigiais. Dada essa composição e o fato de os metais serem atraídos para o centro de uma força magnética, pode-se inferir que a

Copyright © Yarel A

força magnética que atua sobre a Terra desempenha um papel na estabilização de sua órbita ao redor do centro eletromagnético do Sol.

Conclusões: O capítulo "Apresentação da máquina interuniversal" explora a dinâmica intrincada das forças que regem o movimento planetário, concentrando-se especificamente na influência gravitacional de uma estrela em colapso de outro universo. As conclusões extraídas desse capítulo são as seguintes**: Inclinação da Terra:** A inclinação da Terra não é um fenômeno natural, mas é influenciada por uma força gravitacional externa proveniente de uma estrela em colapso em outro universo. As evidências, incluindo variações sazonais da gravidade terrestre e a natureza dinâmica de sua inclinação, sustentam a hipótese de que essa força externa modula e estabiliza a inclinação da Terra. **Rotação dos planetas em torno de seus eixos:** A força gravitacional da estrela em colapso não apenas influencia a inclinação terrestre, mas também gera um torque rotacional que faz a Terra girar em torno de seu eixo. Esse torque é um resultado direto da influência gravitacional variável à medida que a Terra se desloca por diferentes partes de sua órbita ao redor do Sol. **Órbitas planetárias ao redor do Sol:** As órbitas elípticas dos planetas ao redor do Sol são influenciadas por uma combinação de forças gravitacionais e eletromagnéticas. A atração gravitacional da estrela em colapso e as propriedades eletromagnéticas do Sol interagem para criar e manter o movimento elíptico dos planetas, contestando as explicações tradicionais baseadas exclusivamente em forças gravitacionais. **Estabilização das órbitas planetárias:** A estabilização das órbitas planetárias em uma formação semelhante a um disco ao redor do Sol é atribuída a três forças fundamentais: a influência gravitacional da estrela em colapso, a força eletromagnética do magnetismo interno do Sol e as propriedades magnéticas dos próprios planetas. Essas forças asseguram coletivamente a estabilidade e a consistência das órbitas planetárias. De modo geral, este capítulo fundamenta o papel de uma força gravitacional externa e interuniversal na formação e na manutenção da dinâmica de nosso sistema solar, contestando as concepções convencionais do movimento planetário.

Eis uma tabela (Tabela 3) que descreve uma comparação entre conceitos antigos e novos.

Conclusões: A pesquisa apresentada ao longo dos capítulos explora conceitos revolucionários na astrofísica, oferecendo conhecimentos transformadores sobre a dinâmica do sistema solar e do universo em geral. A apresentação da "máquina interuniversal" contesta princípios astrofísicos estabelecidos ao propor um mecanismo autônomo que rege a atividade solar e as interações complexas dentro de nosso sistema solar. Esse conceito estabelece as bases para compreender o equilíbrio e a estabilidade mantidos por esse mecanismo, enfatizando a necessidade de reexaminar os modelos cósmicos tradicionais.

O exame da formação e da dinâmica energética do Sol, enraizado na hipótese de poeira estelar que emerge de um buraco negro, apresenta uma alternativa convincente às teorias convencionais. As evidências apresentadas sustentam a ideia de que a formação do Sol e a geração de sua imensa potência estão intrinsecamente ligadas à ejeção de material de uma estrela em colapso em outro universo. Essa nova perspectiva sobre as fontes de energia solar e os mecanismos que impulsionam os fenômenos solares exige uma reavaliação dos conceitos astrofísicos existentes.

Além disso, a exploração das forças que regem o movimento planetário, particularmente a influência de uma estrela em colapso de outro universo, revela os fatores gravitacionais externos que moldam a inclinação da Terra, a rotação planetária e as órbitas elípticas ao redor do Sol. Essa análise destaca a interação entre forças gravitacionais e eletromagnéticas na estabilização das órbitas planetárias, contestando as explicações tradicionais que dependem exclusivamente da gravidade.

Copyright © Yarel A

Tabela 3: Comparação entre conceitos antigos e novos.

Fenômeno	Um conceito antigo	Comprovação de um conceito antigo	Um conceito novo	Comprovação de um conceito novo	Em que o novo conceito é melhor?
1. Presença da massa do Sol	Poeira estelar originada do Big Bang	Uma ampla variedade de evidências empíricas.	A massa do Sol provém de outro universo na forma de poeira estelar ejetada de um buraco negro em duas direções opostas.	O Webb da NASA captura uma ampulheta incandescente enquanto uma nova estrela se forma.	Sugere uma origem interuniversal da massa solar, oferecendo uma nova perspectiva sobre os processos de formação estelar.
2. Fonte de energia solar	Fusão nuclear	Evidências da existência de fusão nuclear.	A fonte de calor do Sol é um eletroímã natural no interior do Sol, criado em um processo interuniversal.	Um eletroímã no interior do Sol provoca fenômenos térmicos solares, incluindo a fusão nuclear.	Introduz o conceito de um eletroímã interuniversal como fonte de energia solar, ampliando a concepção tradicional de fusão nuclear.
3. Temperatura do calor da coroa	O princípio do dínamo no Sol gera as estruturas de arcos coronais.	Observações que confirmam a existência de arcos coronais.	A radiação eletromagnética no interior do Sol cria micro-ondas, provocando o calor da coroa.	Uma cadeia de acontecimentos leva a essa conclusão, embora não existam evidências diretas.	Propõe uma nova explicação para o aquecimento coronal, sugerindo radiação de micro-ondas proveniente de um eletroímã interno.
4. Rotação do Sol em torno de seu eixo	Um movimento que começou quando o Sol era nebuloso.	Nenhuma	Um eletroímã no interior do Sol atrai uma massa saturada de metais, fazendo o Sol girar	Uma cadeia de acontecimentos leva a essa conclusão, embora não existam evidências diretas.	Introduz uma influência magnética como agente da rotação axial solar.
5. Rotação do equador solar mais rápida que a dos polos	Ainda em pesquisa, sem resultados até o momento.	Ainda em pesquisa.	O eletroímã no interior do Sol atrai uma massa saturada de metais, fazendo o equador solar girar mais rapidamente que os polos.	Uma cadeia de acontecimentos leva a essa conclusão, embora não existam evidências diretas.	Sugere um mecanismo eletromagnético para a rotação diferencial no interior do Sol.
6. Polaridade magnética do Sol	Dínamo solar	Medições confirmam a existência da polaridade magnética solar.	Um eletroímã no interior do Sol provoca propriedades magnéticas, resultando na polaridade magnética solar.	Medições confirmam a existência da polaridade magnética solar.	Oferece uma explicação alternativa para a polaridade magnética do Sol envolvendo eletromagnetismo interno.
7. Magnetismo do Sol	O movimento de partículas carregadas cria campos magnéticos.	Medições confirmam a existência de magnetismo aumentado proveniente do Sol.	Uma combinação de componentes: o eletroímã transmite suas propriedades por todo o Sol, afetando o magnetismo.	Medições confirmam a existência de magnetismo aumentado proveniente do Sol.	Oferece uma visão abrangente do magnetismo solar, incorporando forças interuniversais e eletromagnetismo interno.
8. Inversão do campo magnético solar	Não compreendida plenamente pelos cientistas.	Medições confirmam a inversão da polaridade solar.	Vibrações dos discos de acreção de um buraco negro fazem a polaridade do Sol mudar a cada 11 anos.	Uma cadeia de acontecimentos sugere essa possibilidade, embora ainda não exista comprovação direta.	Propõe uma causa interuniversal para a inversão do campo magnético solar, vinculada à dinâmica dos buracos negros.

Copyright © Yarel A

Fenômeno	Um conceito antigo	Comprovação de um conceito antigo	Um conceito novo	Comprovação de um conceito novo	Em que o novo conceito é melhor?
9. Inclinação dos planetas	Definida como uma inclinação natural.	Nenhuma	Forças gravitacionais dinâmicas de uma estrela em colapso provocam um aumento constante da gravidade nos polos terrestres, levando à inclinação.	1. Dinâmica da inclinação terrestre. 2. Interrupção da inclinação da Terra durante 4 dias, duas vezes por ano. 3. Mudanças sazonais da gravidade estimadas a partir dos dados GRACE.	Oferece uma explicação interuniversal dinâmica para a inclinação planetária, contestando a noção tradicional de inclinação natural.
10. Inclinação dinâmica da Terra	O fenômeno é ignorado.	Medições e cálculos confirmam a inclinação dinâmica terrestre.	Forças gravitacionais de uma estrela em colapso, refletidas através de um buraco negro, provocam a inclinação crescente da Terra.	Medições e cálculos confirmam a inclinação dinâmica terrestre.	Sugere uma influência gravitacional interuniversal sobre a inclinação da Terra.
11. Estabilização da inclinação planetária	A estabilização é considerada natural.	Nenhuma	Forças gravitacionais de uma estrela em colapso também estabilizam a inclinação terrestre.	Evidências empíricas sustentam isso.	Introduz o conceito de forças interuniversais desempenhando um papel na estabilização da inclinação planetária.
12. Rotação dos planetas em torno de seus eixos	Um movimento que começou quando o sistema solar era nebuloso.	Nenhuma	A força gravitacional de uma estrela em colapso, combinada com o eletromagnetismo solar e a polaridade magnética da Terra, faz os planetas girarem.	Evidências empíricas, incluindo resultados dinâmicos de mudanças sazonais da gravidade terrestre, conforme medidas pelos dados GRACE.	Oferece uma explicação abrangente para a rotação planetária, envolvendo múltiplas forças, incluindo a dinâmica interuniversal.
13. Rotação dos planetas ao redor do Sol	Um movimento que começou quando o sistema solar era nebuloso.	Nenhuma	A força gravitacional de uma estrela em colapso, o eletromagnetismo solar, a polaridade magnética planetária e a estrutura metálica causam as órbitas planetárias.	Evidências empíricas, incluindo resultados dinâmicos de mudanças sazonais da gravidade terrestre, conforme medidas pelos dados GRACE.	Sugere uma origem multifacetada para as órbitas planetárias, envolvendo forças universais e interuniversais.
14. Órbita dos planetas semelhante a um disco ao redor do Sol	Um movimento que começou quando o sistema solar era nebuloso.	Avaliações do material nebular colapsando e se achatando em um disco.	Forças gravitacionais de uma estrela em colapso, refletidas através de um buraco negro, estabilizam as órbitas planetárias semelhantes a um disco.	Evidências empíricas sustentam isso.	Propõe um mecanismo interuniversal que estabiliza as órbitas dos planetas semelhantes a um disco.
15. Estabilização das órbitas semelhantes a um disco	Desconhecida.	Nenhuma	Forças gravitacionais de uma estrela em colapso, refletidas através de um buraco negro, estabilizam as órbitas planetárias semelhantes a um disco.	Evidências empíricas sustentam isso.	Introduz uma força externa como responsável pela estabilidade das órbitas planetárias, além dos modelos gravitacionais tradicionais.

Copyright © Yarel A

Fenômeno	Um conceito antigo	Comprovação de um conceito antigo	Um conceito novo	Comprovação de um conceito novo	Em que o novo conceito é melhor?
16. Origem do universo	O Big Bang	Uma ampla variedade de evidências empíricas.	O universo originou-se do colapso de uma estrela em outro universo.	Evidências empíricas sustentam isso.	Contesta a teoria do Big Bang com uma origem alternativa baseada no colapso estelar.
17. Interpretação da primeira lei de Kepler	O movimento fundamental dos objetos ao redor do Sol é uma elipse natural.	Órbitas planetárias perfeitamente circulares são improváveis devido à presença de outros planetas.	Forças eletromagnéticas no interior do Sol, combinadas com a polaridade planetária durante a inclinação dos planetas, criam órbitas elípticas.	Evidências empíricas sustentam isso.	Oferece uma interpretação matizada da lei de Kepler, incorporando influências eletromagnéticas sobre o movimento planetário.
18. Gravidade imensa de um buraco negro	Buracos negros contêm uma massa enorme em um volume diminuto.	Existem descrições, mas a fonte da gravidade permanece desconhecida.	A enorme força gravitacional dos buracos negros deve-se à existência de um eletroímã no interior do Sol, do outro lado do buraco negro.	Evidências empíricas sustentam isso.	Sugere uma nova fonte para a imensa gravidade dos buracos negros, vinculada ao eletromagnetismo solar.

Prova por contradição: modelo matemático para a prova por contradição Na lógica, a prova por contradição é uma forma de demonstração que estabelece a verdade ou a validade de uma proposição mostrando que supor que ela seja falsa leva a uma contradição. Embora seja utilizada com bastante liberdade em demonstrações matemáticas, nem toda escola de pensamento matemático aceita esse tipo de demonstração não construtiva como universalmente válido. De modo mais amplo, a prova por contradição é qualquer forma de argumento que estabelece uma afirmação chegando a uma contradição, mesmo quando a premissa inicial não é a negação da afirmação a ser demonstrada. Nesse sentido geral, a prova por contradição também é conhecida como demonstração indireta, demonstração pela suposição do contrário e redução ao impossível. Para provar por contradição que a inclinação da Terra não é natural, podemos seguir a estrutura padrão de uma prova por contradição. Suporemos que a inclinação da Terra é natural e mostraremos que essa premissa leva a uma contradição com base nas informações dadas e nas leis físicas. A contradição demonstrará que a inclinação de fato não é natural, e então poderemos explorar a explicação alternativa envolvendo a força gravitacional de uma estrela em colapso. Para tornar o argumento mais rigoroso, vamos incorporar um modelo matemático que descreva o movimento natural da inclinação da Terra e como o comportamento dinâmico observado contradiz esse modelo. Utilizaremos então esse modelo para fortalecer a prova por contradição.

Proposição: P: A inclinação da Terra não é natural. **Premissa (negação de P):** Suponha que ¬P: A inclinação da Terra é natural.

Modelo matemático do movimento natural

Segundo a primeira lei de Newton, um movimento natural deveria seguir uma trajetória uniforme, a menos que uma força externa atuasse sobre ele. Se a inclinação da Terra fosse natural, ela poderia ser modelada por uma velocidade angular constante. Vamos definir:

• $\theta(t)$: O ângulo de inclinação da Terra no instante t.

• ω: A velocidade angular constante da inclinação.

• θ_0: O ângulo de inclinação inicial em $t = 0$.

Em um estado natural, o ângulo de inclinação $\theta(t)$ deveria evoluir de acordo com a equação:

$$\theta(t) = \theta_0 + \omega t$$

Essa equação implica que a inclinação aumenta (ou diminui) linearmente com o tempo se o movimento for natural, sem aceleração nem desaceleração.

Dinâmica observada da inclinação da Terra Entretanto, os dados observacionais mostram que a inclinação terrestre se comporta de maneira dinâmica:

Aceleração/desaceleração: A inclinação não aumenta nem diminui uniformemente; em vez disso, acelera e desacelera.

Paradas periódicas: O ângulo de inclinação para duas

Copyright © Yarel A

vezes por ano, o que significa que dθ/dt em determinados pontos, o que não é compatível com um ω constante.

Vamos expressar isso matematicamente:
O ângulo de inclinação observado θ_obs(t) poderia ser modelado por uma função mais complexa, como:

$$\theta_{obs}(t) = \theta_0 + \omega(t)t + A\sin\left(\omega' t + \phi\right)$$

Em que:
• ω(t) é uma velocidade angular dependente do tempo (não constante).
• A e ω′ são parâmetros de amplitude e frequência, representando a variação periódica.
• θφ é a constante de fase.
Essa função introduz um termo senoidal que capta a aceleração, a desaceleração e as paradas observadas na inclinação da Terra.

Derivação da contradição

A premissa ¬P implica que a inclinação natural deveria seguir o modelo linear θ(t) = θ₀ + ωt. Entretanto, os dados observacionais sugerem que a inclinação segue um modelo mais complexo e não linear, envolvendo variação periódica:

$$\theta_{obs}(t) \neq \theta(t)$$

A discrepância entre o comportamento linear esperado de uma inclinação natural e o comportamento dinâmico e não linear observado contradiz a premissa de que a inclinação é natural.

Conclusão

Como supor que a inclinação da Terra é natural leva a uma contradição com o modelo matemático do movimento natural, concluímos que ¬P é falso. Portanto, P: A inclinação da Terra não é natural deve ser verdadeiro.

Explicação alternativa (força gravitacional de uma estrela em colapso)

Dado que a inclinação da Terra não é natural, o comportamento dinâmico observado poderia ser explicado por uma força externa, como a influência gravitacional de uma estrela em colapso. Essa força poderia introduzir a variação periódica observada, conforme descrita pelo componente senoidal no modelo.

Assim, a contradição não apenas prova que a inclinação da Terra não é natural, mas também sustenta a hipótese de que uma força gravitacional externa, como a de uma estrela em colapso, é responsável pela natureza dinâmica da inclinação terrestre.

Referências

1. Einstein A (1915) The Theory of General Relativity.

2. Penrose R (2010) Cycles of Time: An Extraordinary New View of the Universe. Bodley Head.

3. NASA GRACE Mission Team. (2017) Seasonal gravity changes and dynamic tilt variations of Earth. Geophysical Research Letters 44(5): 12-19.

4. Faraday M (1831) Electromagnetic induction and the creation of electric fields. Proceedings of the Royal Institution 4(2): 115-129.

5. NASA (2022) Fiery hourglass as new star forms in L1527. NASA James Webb Space Telescope Observations.

6. Bethe HA (1939) Energy Production in Stars. Physical Review 55(5): 434-456.

7. Faraday M (1831) Electromagnetic Induction and its Applications. Magnetic Effects of Electric Current.

8. Priest E, Forbes T (2000) Magnetic Reconnection: MHD Theory and Applications. Cambridge University Press.

9. Hawking S (1974) Black holes and the emergence of stellar systems. Nature 248: 30-34.

10. Hawking S (1974) Black Hole Explosions. Nature 248: 30-31.

11. Zou Z, Li H, Luo Z, Xing L (2021) Seasonal gravity changes estimated from GRACE data. Geodesy and Geodynamics 1(1): 57-63.

12. Kepler J (1609) Astronomia Nova. Electromagnetic influences and the elliptical orbit of planets. Prague Press.

Copyright © Yarel A